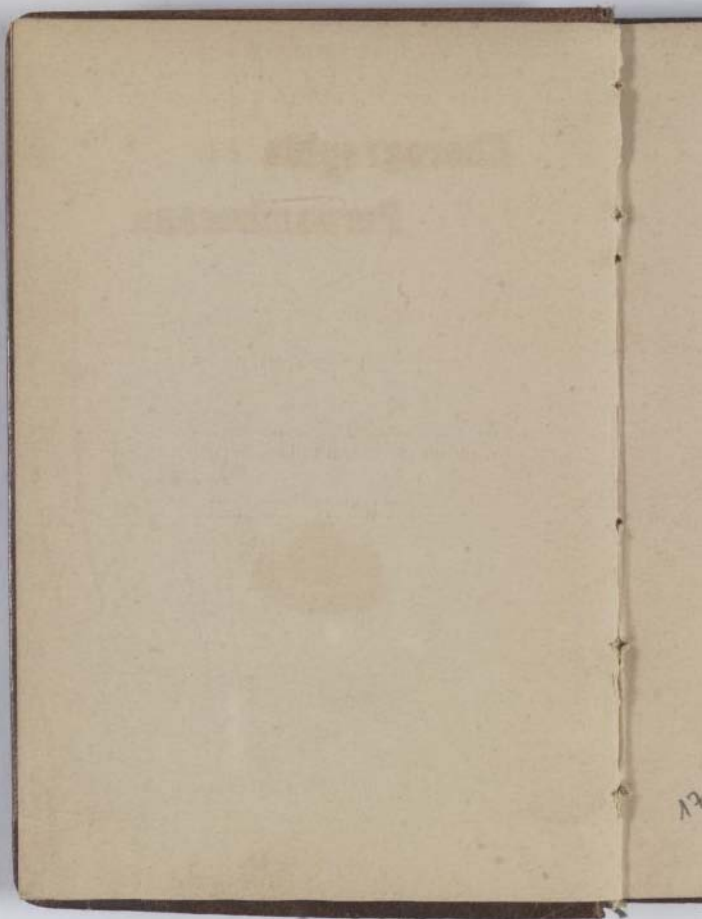


O TUPI
NA
CHOROGRAPHIA
PERNAMBUCANA



O TUPI

NA

Chorographia

Pernambucana

ELUCIDARIO ETIMOLOGICO

COMPILADO

POR

Alfredo de Carvalho



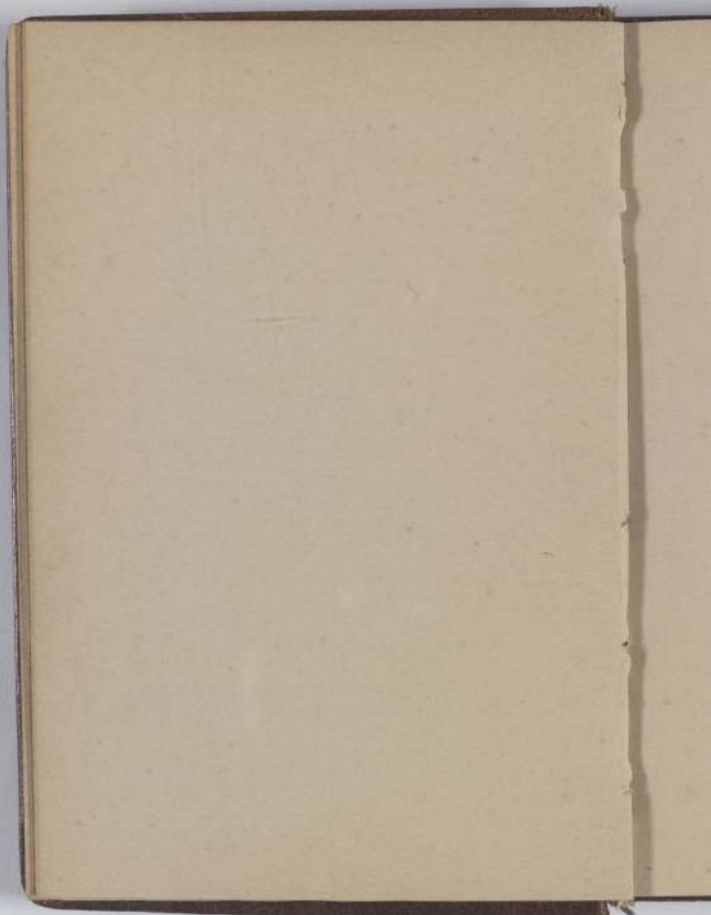
RECIFE

1907

1735

~~~~~  
TYP. DO JORNAL DO RECIFE  
47 — Rua 15 de Novembro — 47  
~~~~~

Ad
illustre philologo e brillante escriptor
Dr. Theodoro Sampaio





INTRODUÇÃO

A ser verdadeira a these de Egli (1), de que «as denominações geographicas, como emanação característica da indole de um povo, ou de uma época, reflectem, não só o gráo da respectiva cultura, como a direcção geral desta,» de grande interesse e utilidade se nos antolha o considerar a significação dos toponymos indigenas, sobretudo em regiões onde, simultanea ou successivamente, assentaram suas habitações povos differentes.

O gentio que, ao tempo do descobrimento, povoava o territorio do actual Estado de Pernambuco pertencia a duas ou mais raças distinctas. No littoral e na zona vizinha da matta residiam, em

(1) *J. J. Egli*.—Der Voelkergeist in den geographischen Namen.—Na revista *Ausland*. 1893, ns. 30-38.

agrupamentos mais ou menos estaveis, os Tupis das tribus Cahetés e Tabajaras; mais para o occidente vagavam, em cabildas esparsas, os restos dos primitivos habitantes do paiz—Tapuias e Cariris—para alli enxotados pela invasão tupi.

Das linguas destes selvagens deriva a totalidade dos nomes de feição indigena ainda hoje occurrentes na nossa chographia, apesar da concurrencia secular das denominações portuguezas e mau grado mesmo a sua imposição, em muitos casos, official.

Infelizmente o estado contemporaneo dos nossos conhecimentos linguisticos não autoriza a cogitar de uma traducção fidedigna de todos estes nomes indigenas; tão sómente para a elucidação dos de procedencia tupi possuímos elementos sufficientes.

Ainda assim é mistér não esquecer que, escolhendo d'entre o numero de toponymos tupis usados em Pernambuco aquelles cuja significação foi possível interpretar e d'ahi concluir qual a feição espirital encarnada nestas denominações geographicas, fazemos apenas uma tentativa apta, quando muito, a permittir um

golpe de vista approximado do problema, cuja solução definitiva é presentemente impossível, mesmo dentro de limites tão restrictos.

Ao considerarmos o conjuncto destes toponymos, logo desperta a nossa attenção a abundancia dos nomes derivados do aspecto physico das localidades.

Ora é a cõr d'agua que dá o nome aos rios ou aos logares proximos (*Iobi*—rio verde; *Ipiranga*—rio vermelho; *Iputinga*—fonte clara; *Iuna*—rio preto); ora a configuração do leito dos cursos d'agua (*Perperery*—rio das pontas ou das quebradas; *Maragogy*—rio livre, desimpedido); ou a sua extensão (*Parnamerim*—riozinho). Outras vezes é a configuração do solo (*Bijari*—terra longa); a occurrencia de certos mineraes (*Buique*—sal da terra), ou de rochedos peculiares que determina a denominação (*Itambé*—penedo ponteagudo; *Itapessoca*—lage perforada; *Itapissuma*—pedra de superficie liza).

Muito frequente é a alliança de nomes de animaes aos toponymos (*Açurema*—veado fetido; *Ambereçumbú*—rio dos lagartos lizos; *Arabary*—rio das ba-

ratas; *Araguary*—rio da baixada dos papagaios; *Arandú*—ruído dos papagaios; *Araquára*—viveiro dos papagaios; *Arary*—rio dos papagaios; *Aratangy*—rio das aratanhas; *Aratuhipe*—no rio dos aratús; *Bertioga*—refugio, ou paradeiro das tainhas; *Cabú*—vespa negra; *Camurigy*—rio dos camorins; *Capibaribe*—no rio das capivaras; *Carapitangy*—rio das carapitangas; *Cotigy*—rio das cotias; *Exú*—abelha negra; *Garanhuns*—passaros pretos; *Garapú*—fonte dos guarás; *Gindahy*—rio das jandaias; *Gurjahú*—rio do viveiro dos sapos; *Jacuhype*—no rio dos jacús; *Jaguaribe*—no rio da onça; *Mariquipú*—olho d'agua dos macacos; *Muribára*—o papa-moscas; *Muribeca*—a mosca importuna; *Pagy*—rio das pacas; *Penanduba*—abundancia de borboletas; *Perory*—rio dos tubarões; *Piragibe*—no rio do peixe; *Sararái*—rio das mariposas; *Serinhaem*—viveiro dos siris; *Sernamby*—o marisco; *Sibauma*—concha preta; *Suassuma*—veado preto; *Tabayacú*—pedra dos baiacús; *Tambiá* o «pio-lho de cobra»; *Tapirema*—a manada de antas; *Tará*—o camaleão; *Tatuoca*—o refugio dos tatús; *Uruçú*—abelha grande).

Ainda em maior abundancia do que os zoonymos se encontram os nomes de vegetaes empregados para a designação de logares (*Agariba*—arvore do veneno; *Araçagy*—rio dos araçás; *Araticum*—fructa rala molle; *Aricory*—cacho repetido; *Barabú*—pau sonoro; *Barauna*—madeira preta; *Batatan*—fructa dura; *Batinga*—fructa branca; *Bulandy*—pau de oleo; *Buraré*—pau fetido; *Caboatan*—matto de fibra dura; *Caiapé*—vereda dos cajús; *Caiupé*—vereda dos cajús; *Camarragibe*—no rio dos camarás; *Camassury*—camará de cacho; *Capema*—pau chato; *Capim*—herva fina; *Carurú*—herva grossa; *Columby*—matto verde; *Communaty*—feigão branco; *Cruangy*—rio das cruanhas; *Curubé*—cabaças grossas; *Cute-gy*—o rio das coitês; *Emburana*—similhante ao imbú; *Gatiuba*—pau amarello; *Genipapo*—fructo de esfregar, ou que serve para pintar; *Geriquity*—o cacho cortado; *Guabiraba*—fructa de comer amarga; *Ibirapaba*—madeira cortada; *Ibirapitangy*—rio do pau vermelho; *Icipupeba*—o cipó chato; *Imbé*—planta que se arrasta; *Ingá*—o ensopado, o cheiro d'agua; *Jaboticaba*—botão de fructos;

Jatobá—o que tem dura a casca; *Jetitirana*—semelhante á batata; *Juá*—fructo de espinhos; *Juparitiba*—cerca de espinhos; *Jurema*—espinho fetido; *Juruparioba*—folha do demonio; *Jussára*—vara de espinhos; *Maçaranduba*—arvore de fructo lubrico; *Mangari*—rio dos cachos; *Matapagipe*—no rio do pau duro; *Matury*—fructo minguado; *Peroba*—casca amarga; *Petribú*—olho d'agua das flores; *Pindobu*—rio das palmeiras; *Quimanga*—espinho viscôso; *Sapé*—o que allumia; *Taboca*—haste furada; *Taiapú*—fonte dos taiás, ou taiobas; *Taquára*—haste cheia de buracos; *Tatiuba*—planta de espigas; *Timbauba*—arvore alvissima; *Tucurubá*—fructa do gafanhoto; *Urubá*—fructo dos urús).

Por vezes tambem os toponymos resultam de caracteristicos vegetaes geraes (*Caheté*—matto virgem; *Catinga*—matto branco; *Penderama*—terra das palmeiras; *Perpery*—o juncal; *Ubatuba*—canaveal bravo).

Outros nomes recordam a configuração do solo, ou a derrubada e queimada de um trecho de matta (*Capoeira*—matto extincto, ou destruido).

Ainda outros toponymos são denominações puramente culturaes (*Arataca*—especie de armadilha; *Atapux*—especie de bozina; *Caiçara*—cercado, curral; *Comocim*—o pote; *Carpina*—o carpinteiro; *Cassud*—cesto de cipós; *Cuité*—vaso real; *Cotunguba*—mastro de embarcação; *Cupety*—rio da roça; *Gequiá*—o covo de apanhar peixes ou aves; *Gramame*—cerca, curral; *Guararapes*—nos tambores; *Ibitara*—ornamento do labio inferior, ou das orelhas; *Inhaem*—panela d'agua, pote; *Japaranduba*—arcos em abundancia; *Mandahú*—rio dos feixes; *Manicoára*—cova de mandioca; *Maracahype*—no rio do chocalho; *Maranguape*—no valle da batalha; *Marim*—a cidade; *Meguhaype*—no rio dos escravos; *Monde*—o alçapão; *Pagéhu*—rio do feiticeiro; *Pumaty*—a fonte da sementeira; *Queraiba*—o pouso ruim; *Suape*—o caminho da caça; *Tabatinga*—aldeia branca; *Tabayré*—aldeiazinha extineta; *Tapéra*—a ruina; *Tapurassú*—choça grande; *Tibiry*—rio das sepulturas; *Turyassú*—rio grande das fogueiras).

Comquanto o pequeno numero de exemplos acima citados, e mesmo os mais

abundantemente resenhados no elucidario seguinte, não permitta fixar uma porcentagem que possa ser considerada geral, são entretanto sufficientes para indicar a preponderancia decisiva dos nomes naturaes sobre os denominações culturaes, e isto, de accordo com a these de Egli, basta para manifestar que os Tupis eram um povo genuinamente natural.

Mas não foi o desejo de verificar este asserto o movel inicial da organização do subseqüente glossario.

A primeira idéa da sua elaboração nos foi suggerida pelo estudo da excellente monographia do Dr. Theodoro Sampaio—*O Tupi na Geographia Nacional*—na qual se avantajou a todos os precusores pela vastidão da sciencia historica, solidez dos conhecimentos linguisticos, penetração critica e segurança de methodo.

Começamos relacionando os toponymos pernambucanos explicados neste trabalho e após colleccionamos todos os demais que conseguimos encontrar em documentos de qualquer natureza e até mesmo na tradição oral. De posse, assim, de uma lista de varias centenas de vocabu-

los, encetamos a ardua tarefa da sua traducção.

A principal difficuldade que offerece a interpretação destes nomes indigenas é a graphia mutilada com que chegaram até nós; mui raramente é possível, ao primeiro aspecto, distinguir os seus elementos constitucionaes:

«Essas denominações geographicas, diz o citado philólogo, explicaveis e naturalissimas numa epoca em que o *tupi* era a *lingua geral*, ou a mais fallada no paiz, são agora para as modernas gerações verdadeiros enigmas que as alterações quotidianas ou as inevitaveis corruptellas vão tornando indecifreveis.»

Na opinião do eminente scientista, «o estudo etymologico dos nomes tupis com applicação na geographia ou na historia nacional é um trabalho mais de investigação historica do que propriamente de lexicologia.» E em apoio desta affirmativa adduz as considerações seguintes que não podemos nos dispensar de transcrever:

«Sendo o *tupi*, como é, uma lingua agglutinante, com os elementos componentes quasi integraes, ou mui raramente

contractos, a palavra, nesse idioma, com facilidade se analysa; e ainda quando mettida numa como que *encapsulação* em que os varios elementos se envolvem uns nos outros, as linhas de separação destes não desapparecem totalmente, e a desagregação desses elementos habilita o interpretador a traduzir. O problema mais importante, o estudo mais serio, e a meu vêr essencial, é o da *identificação historica* do vocabulo ou a restauração da sua graphia primitiva, tal como ella symbolicamente representou em outro tempo a palavra fallada.

«E' mistér, portanto, ler os documentos mais antigos, as chronicas, roteiros, relações de viagens, os mappas geographicos que primeiro se publicaram e que possam encerrar o thema ou o vocabulo a intepretar e ahi surprehender-lhe a graphia antiga, de certo, a mais verdadeira, pois é de suppor fosse a representação symbolica mais fiel dos sons recolhidos directamente do gentio ou dos seus immediatos descendentes, e, portanto, mais isenta dos effeitos provenientes do diuturno contacto com a lingua que ficou prevalecendo.

« Conseguida a *restauração histórica* do vocabulo, fácil será explicar como elle se alterou ou como evoluiu até nós, por que invariaveis e positivas são as leis philologicas que regem a especie.

« Sem a restauração do vocabulo com a sua graphia primitiva, como um processo previo e essencial, difficil e quasi insolavel, em certos casos, é o problema linguistico attinente aos nomes geographicos de procedencia tupi.

« Firmado este ponto, é mistér ainda considerar que o tupi, como todas as linguas barbaras, sem cabedal literario e com arte e vocabulario organizados por extranhos, é sujeito aos defeitos communissimos da homographia e da homophonia. Palavras, na verdade, diferentes soaram e se escreveram por forma identica nos primeiros vocabularios.

« Além disso, os dialectos numerosos, entre as tribus selvagens não consentem palavras com formas fixas e definidas, entrando os vicios de pronunciação, as modalidades do falar como causas inevitaveis da variação dos vocabulos.

« As difficuldades do interpretador salientam-se ainda se se considerar que o

tupi, em contacto com outras linguas americanas, como tantas houve no ambito do Brasil e nas suas fronteiras, não poucos vocabulos estranhos adqueriu, como não poucos foram os que o portuguez por si mesmo assimilou do *quichua*, do *kariry* e dos que geralmente se designam pelo nome *tapuya*. Dahi, a necessidade de quem os interpreta de bem conhecer o tupi e os seus principaes dialectos, e de guardar a reserva mais cautelosa no decidir-se pela nacionalidade de um vocabulo duvidoso.

«Do que deixamos exposto decorre que para bem interpretar nomes tupis, com emprego na geographia e na historia se ha de adoptar como regra: 1.º Descobrir a graphia primitiva do vocabulo nos documentos mais antigos em que possa ter apparecido e, na falta deste elemento, procurar surprehender-lhe a pronuncia entre o povo rustico do interior, onde a corrupção dos vocabulos tupis é menos intensa e quasi que permaneceram intactas as tradições do falar.» (Neste particular nos foi de grande prestimo o mappa *Præfectura Paranambucæ pars Borealis*, da edição *princeps* da obra de

Barlaeus,—*Rerum per octennium in Brasilia gesta... historia*, abundantissimo em toponymos indigenas: sem o seu auxilio teria sido impossivel dar interpretação verdadeira a nomes como *Beberibe, Corcuranas, Jaboaão*, etc.)

« 2.º Analysar o vocabulo restaurado e verificar se, no seu longo evoluir, as modificações experimentadas se fizéram segundo as regras philologicas que regem a especie, o que servirá de confirmação ao que se houver conseguido pelo processo historico.

« 3.º Decompôr o vocabulo restaurado etymologicamente pelos seus clementos agglutinados, sempre facéis de destacar, collocando-o por esse modo em condições de ser traduzido.

« 4.º Ter sempre em vista que as denominações tupis das localidades ou dos individuos, como todos os epithetos de procedencia barbara, são de uma realidade descriptiva admiravel, exprimem sempre as feições caracteristicas do objecto denominado como producto que são de impressões nitidas, reaes, vivas como soem experimentar os povos infantés, incultos no maximo convívio com a natureza; ex-

primem tambem meros accidentes em uma circumstancia qualquer, mas que deixaram viva recordação no animo do selvagem.»

Attendendo cuidadosamente a estas criteriosas prescripções, procuramos traduzir os toponymos colleccionados e, após, submettemos o resultado dos nossos estudos ao sabio mestre Dr. Theodoro Sampaio, Este, com inexcedivel gentileza, se dignou de analysa-los detidamente, notando enganos e propondo modificações em numero tal que, passando por suas mãos, o nosso modesto trabalho foi completamente refundido, ganhando de modo consideravel em exactidão e utilidade. Em verdade podemos dizer que nos limitamos a fornecer a materia prima sobre a qual se exerceu com tanto brilho o seu engenho douto e subtil,

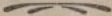
A dedicatoria, pois, que precede a estas paginas, não é sómente um testemunho de gratidão pelo inestimavel concurso que recebemos do illustre philologo, como principalmente uma declaração de *jus auctoris*.

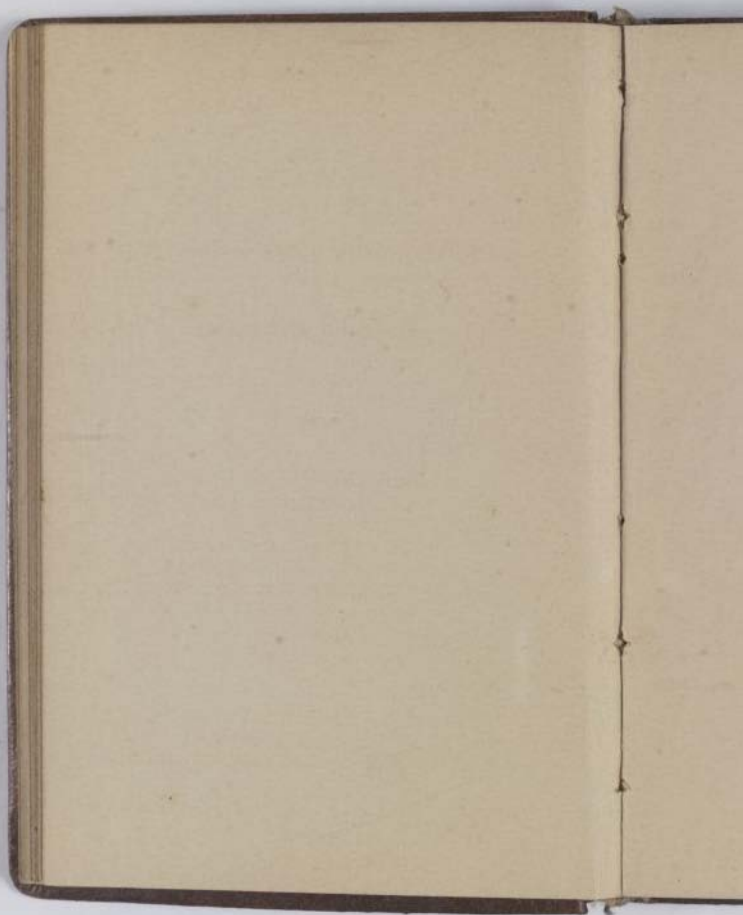
Resta-nos advertir que as letras entre () depois da explicação dos vocabu-

los, se reportam: *B. C.*, ao *Vocabulario das palavras guaranis usadas pelo traductor da «Conquista Espiritual» do P.^o A. Ruix de Montoya*, organizado pelo Dr. Baptista Caetano de Almeida Nogueira; *Th. S.*, a—*O Tupi na Geographia Nacional*, do Dr. Theodoro Sampaio, e *Th. S.*, *Ns. Ms.*, ás notas manuscriptas inéditas com que nos favoreceu o mesmo escriptor.

ALFREDO DE CARVALHO.

Recife, 3 de Junho de 1907.





O TUPI

NA

CHOROGRAPHIA PERNAMBUCANA

Elucidario Etymologico

A

Aburá.—(Serra no Mun. de Nazareth).—« Se não soffreu alteração, como parece, é composta de duas palavras tupis: *abú*—folego, respiração, e *rá*—soltar, desprender. De sorte que o nome *Aburá*, applicado a uma serra, quer exprimir que nella a respiração da gente se solta, isto é, respira-se a pulmões largos; é como se se dissésse: — *serra do resfolego.*» (Th. S., Ns. Ms.)

Acahú.—(Riacho no Mun. de Goyanna). «Applicado a um correjo, é palavra tupi que, se não soffreu alteração, se de-

compõe em: *Acá*—querella, disputa, troca de palavras, questão; *hú* ou simplesmente *ú*—beber, ou por synonymia—*bebedouro*, *aguada*. *Acahú* ou *Acaú*, applicado a um curso d'agua, quer dizer:—*aguada* ou *bebedouro da questão* ou *da briga*. Se, porém, o nome tupi alterou-se, como tão frequentemente se deu, *Acahú* pôde ser corrupção de *Acahy*, isto é, *Aca-y*, e, porque o *y* dos tupis, soando como o *u* dos francezes e fortemente guttural, não era facil a portuguezes e brasileiros, que ora o pronunciavam *i* ora *u*, a ultima parte do nome *Acahy* ou *Aca-y* se alterou em *u*, e, neste caso, *Aca-hú* ou *Aca-u* não significa senão:—*agua da questão*, ou *corrego da briga* ou *da rixa*. — Sebastião Galvão interpretou *Acahú* (*Dicc. Chor. de Pern.* pag. 2) como equivalente a *Acá-una* e o traduzio *cabeça preta*; mas interpretou *Acahy*, como se fôra *Acã-hy*, traduzindo-o por *cabeça do rio*, o que é incorrecto do ponto de vista tupi, mas sim *rio da cabeça*, que é o que significaria *Acã-hy*. No tupi do Norte, a palavra *hú* não significa *negro* que, na lingua costeira, se traduzio pela palavra *una* ou *picuna*. Só no tupi do Sul, no guarani, mais contra-

cto do que o tupi do Norte, é que se encontra *hu*, mas *hun* nazal, significando *negro, preto*. No Norte do Brasil, no tupi costeiro, se diria por *cabeça negra, acã-una*; no guarani, no tupi do Sul, se diria, porém, *acahun.*» (Th. S., Ns. Ms.)

Acahy.—(Serra no Mun. de Cimbres). O mesmo que o precedente.

Acajupaié.—(Ant. log. no Mun. do Recife). C. *acayú-payé*, o cajá do feiteiro, do *pagé*.

Acarabuçú.—(Ant. eng. no Mun. da Escada). C. *acã-un-buçú*, o grande caroço preto.

Acauã.—(Riacho no Mun. de Salgueiros).—«S., ave conhecida, vulgo *cauan*, ave agoireira entre o gentio (*Falco cachinans*).» (Th. S., 108).

Açurema.—(Distr. polic. no Mun. de Aguas-Bellas).—C. *çob-açu-rema*, veado fetido.

Agariba.—(Pov. no Mun. do Cabo).—«Dada a hypothese de não estar alte-

rada a denominação do povoado, o nome *Agariba* se decompõe em *Aga-r-yba* e se traduz: *arvore do veneno* e tambem, *arvore do amargor.*» (Th. S., Ns. Ms.)

Agissé.—(Eng. no Mun. de Goyana).—«Parece corrupção de *Hayi-cen*, que quer dizer—*o grão nasce*, ou *a semente brota.*» (Th. S., Ns. Ms.)

Aituba.—(Pedra ao sul do ancoradouro do Lamarão no porto do Recife).—«Se não está alterada esta denominação, é palavra tupi que se decompõe em *Ai-tyba*, por corrupção da ultima parte, *Ai-tuba*, significando *abundancia de preguiças*, onde ha *preguiças* (*Bradypus tridactylus*). Sendo, porém, o nome applicado a uma pedra do ancoradouro do Lamarão, a origem e significado são outros. No tupi, dá-se ás cousas não lisas, ou que têm asperezas, rugas ou caroços, a denominação *ai*; é, portanto, natural que o nome *Aituba*, applicado a um rochedo, signifique: *abundancia de cousas asperas*, ou, por outra: *muitas pontas*, ou *cabeços*, e tambem *cascalhos.*» (Th. S., Ns. Ms.)

Amaragy.—(Mun., villa e rio affl. do Serinhaem).—«E' palavra tupi que se decompõe; *amã-rá-gy*, em que *amã-rá* significa *solto das nuvens, tirado das nuvens*, ou *procedente da chuva*; *gy* ou *g-y* quer dizer *agua* e por extensão, *rio, curso d'agua*. *Amaragy*, quer, pois, dizer: *rio procedente da chuva*, isto é, um curso d'agua temporario, torrente.» (Th. S., Ns. Ms.)

Amberécumbú.—(Riacho affl. do Capibaribe-Merim).—Corr. de *amberé-cymb-y*, rio dos lagartos lisos.

Anguatá.—(Riacho affl. do Capibaribe).—Corr. de *anguã-atã*, o tambor, ou o timbale rijo, duro(?).

Apepé.—(Riacho affl. do Tapacurá).—«E' o nome tupi *apé*, caminho, vereda trilho, no augmentativo, que nessa lingua se fórma muitas vezes com a repetição do nome. Assim *apé-pé* é como se se dissesse *apé-apé*, caminho grande, caminho largo, nome applicado a algum rio temporario, que se apresenta como uma es-

trada larga no tempo de sêcca.» (Th. S.,
Ns. Ms.)

Apétumbú.—(Riacho affl. do Pirapama).—Corr. de *apé-tumbi-ú*, rio do caminho da lombada.

Apéturibú.—(Riacho affl. do Caranguêjo).—Corr. *apé-torib-ú*, rio do caminho da fogueira(?)

Apipucos.—(Arrabalde da cidade do Recife).—«Corr. *apé-puc*, o caminho se divide ou se parte, a encruzilhada; póde ser tambem corrupção de *apé-pucá*, caminho ou verêda longa.» (Th. S., 111).

Apody.—(Eng. no Mun. de Agua Preta).—«Se fôr tupi, como parece ser, se decompõe em *A-poty*, significando *altura firme*, ou *cleração unida, fechada*. A serra do Apody é uma chapada.» (Th. S., Ns. Ms.)

Aporá.—(Serra no Mun. de Nazareth).—Vide *Aburá*.

Apuá.—(Riacho affl. do Capibaribe).—«*Apuá* decompõe-se em *Ã-poã*, alto

que se levanta, ou se ergue.» (Th. S.,
Ns. Ms.)

Apuépe.—(Riacho affl. do Tapacurá).
—Corr. *apó-éb*, raiz ouca.

Arabary.—(Riacho no Mun. de Bom-
Conselho).—«C. *arabe-r-y*, rio das baratas;
corr. *araberi*, a baratinha, o peixinho d'a-
gua doce conhecido por *lambariy* ou *alam-
bary* (*Chalceus nematurus*).» (Th. S., 111.)

Aracajú.—(Eng. no Mun. de Agua-
Preta).—«Corr. de *ar-acayú*, cresce ou
nasce o cajueiro; apanhar ou colher ca-
fús; corr. *ara-acayú*, cajú do tempo ou
da estação; corr. *ara-acayú*, cajueiro dos
papagaios.» (Th. S., 111)

Aracapá.—(Ilha no rio S. Francisco).
—Corr. de *ará-capáb*, o passaro ferido, ou
corr. de *ará-capár*, o passaro briguento.

Araçá.—(Serras nos Muns. de Cim-
bres e da Victoria).—«S., nome dado ás
myrtaceas do genero *Psidium*»; c. *ara-
çá*, estação, epoca, (B. C., 47), allusão ao
facto de apparecer o fructo do *Psidium*
em tempo proprio.» (Th S., 111)

Araçagy.—(Eng. no Mun. do Cabo).
—C. de *araçá-g-y*, rio dos araças.

Araguaba.—(Eng. no Mun. de Barreiros).—«C. de *ará-guaba*, comida ou bebida dos papagaios; pôde dizer-se *bebedouro dos papagaios.*» (Th. S., Ns. Ms.)

Araguary.—(Eng. no Mun. de Barreiros).—C. de *ará-guá-r-y*, rio do valle ou da baixada dos papagaios.

Arandú.—(Riacho affl. do Pirapama).—«*Arandú*, é o mesmo que *ará-ndú*, e quer dizer, *ruido dos papagaios*, o vozear destes passaros.» (Th. S., Ns. Ms.)

Arapuá.—(Serra no Mun. de Floresta).—«Corr. de *ira-apuã*, mel redondo, ou ninho de abelhas redondo.» (Th. S., 112)

Araquára.—(Riacho affl. do Serinhaem).—C. de *ará-quára*, refugio ou viveiro dos papagaios.

Arára.—(Riacho affl. do Pirapama).
—«S., augmentativo de *ará*, nome appli

cado aos papagaios grandes (*Psittacus Macrocerus*).» (*Th. S.*, 112)

Arari.—(Antigo nome do rio Araripe).—C. *ará-r-y*, rio dos papagaios.

Araripe.—(Rio que desagua em frente á ilha de Itamaracá).—C. *ará-r-y-pe*, no rio dos papagaios.

Araripe.—(Grande serra que atravessa os Muns. de Ouricury, Exú, Granito e Salgueiro).—«*Corr. ara-r-y-pe, ara-ar, nascer, surgir, y, agua, rio, pe, posição equivalente a em ou na; portanto, no nascer dos rios, o mesmo que Serra das nascentes ou das cabeceiras.*» (*Th. S.*, 112)

Arassangy.—(Riacho affl. po Sibiró).—«*Póde proceder de ará-çã-gy, e neste caso significa rio da corda de papagaio.*» (*Th. S., Ns. Ms.*)

Arassú.—(Eng. no Mun. de Barreiros).—C. de *ará-assú*, pagagaio grande.

Arassuágy.—(Eng. no Mun. do Cabo).—«*E' identico a Arassuáhy, e, n'um*

e n'outro caso, é alteração do tupi *araçoidá-y*, que significa *rio do chapéo*, ou antes *rio do cocár* ou toucado de plumas.» (Th. S., Ns. Ms.)

Arataka.—(Riacho afl. do Itapicema).—«C. *ara-tac*, colher batendo com estrepito, apanhar desabando sobre; armadilha usada para as aves ou caça miuda.» (Th. S., 112)

Aratagy.—(Riacho afl. do Goitá).—C. *ará-tanha-g-y*, rio das *aratanhas*, pequenos camarões d'agua doce, cujas longas e fortes tenazes justificam bem o seu nome de *ará-tanha* ou bico de papagaio.

Araticum.—(Serra no Mun. de Bonito).—«Corr. de *ára-ticum*, que significa *fructa rala molle*.» (Th. S., Ns. Ms.)

Aratinga.—(Eng. no Mun. de Palmares).—C. *ará-tinga*, papagaio branco.

Aratuhype.—(Riacho afl. do Tupupiré).—C. *aratú-y-pe*, no rio dos *aratús*, espécie de pequenos caranguejos vermelhos (*Grapsus*).

Araúna.—(Eng. no Mun. de Agua-Preta).—«C. *ará-una*, papagaio escuro, quasi negro, especie de arára azul.» (*Th. S.*, 113)

Arendépe.—(Eng. no Mun. de Ipojuca).—Corr. *ará-endape*, no lugar dos papagaios (?)

Aricory.—(Primitivo nome de Ouricury).—«Corr. *ari-curii*, o cacho amiudado, ou repetido, o que dá cacho de continuo (Cocos coronata, Mart. ou Atalea).» (*Th. S.*, 113)

Arimbú.—(Eng. no Mun. de Ipojuca).—«Póde proceder de *ará-imbú*, e neste caso se traduzirá—imbuseiro dos papagaios; póde vir tambem de *irá-iem-bú*, manancial ou fonte dos papagaios.» (*Th. S.*, *Ns. Ms.*)

Aripibú.—(Pov. no Mun. de Amargy).—«Póde ser cerryupção de *ára-ypi-bú*, em que *ára-ypi* quer dizer—tempo secco, tempo em que não chove, *bú=ypbú*, significa fonte, nascente, olho d'agua; e então *Aripibú* significará fonte da secca,

isto é, fonte que atura pelo tempo secco, ou que resiste á secco.» (Th. S., *Ns. Ms.*)

Aripuá.—(Serra no Mun. de Floresta).—«Póde ser corrupção de *harii-poã* e então significa—cachos levantados; póde tambem provir de *arapoã*—*eira-poã*, que quer dizer—abelhas assanhadas.» (Th. S., *Ns. Ms.*)

Ariquindá.—(Cambôa na margem esquerda do rio Formoso).—«Antigo *Aracondá*, é alteração de *ara-cundá*, que se póde traduzir por—passaro enroscado, ou melhor—passaro enleado, atado, embarcado.» (Th. S., *Ns. Ms.*)

Assurema.—(Distr. polic. no Mun. de Aguas-Bellas).—Vide *Açurema*.

Atapuz.—(Pontal entre a fóz do rio Tejucopapo e o canal de Itamaracá).—«Corr. *atã-pu*, forte soar, resoar, resonante; é o nome de uma bozina dos jangadeiros e pescadores, feita de um grande buzio ou caramujo desta denominação; dizem tambem *gatapuz.*» (Th. S., 113)

Ay.—(Primitivo nome da foz do rio Iguarassú).—C. *aiba*, ruim, mau, impres-

tavel, em allusão a ser o rio improprio á navegação, devido ás muitas voltas e ao pouco fundo (?)

B

Bagé.—(Riacho no Mun. de Triumpho).—«Corr. *pagé*, o feiticeiro, o santão do gentio.» (Th. S., 114)

Baithé.—(Eng. no Mun. de Palmares).—«Póde ser corrupção de *abá-êtê*, que quer dizer—homem honrado, varão illustre.» (Th. S., Ns. Ms.)

Barabú.—(Eng. no Mun. de Nazareth).—Corr. *ybirá-mbú*, pau sonoro.

Barauna.—(Pov. no Mun. de Nazareth).—«Corr. *ybirá-una*, madeira preta, (Melanoxylon Brauna).» (Th. S., 114).

Batatan.—(Riacho afl. do Capibaribe).—«Corr. *ybá-lâtã*, fructo duro, ou de casca rija.» (Th. S., Ns. Ms.)

Baticubá.—(Serra no Mun. de Bezerras).—«Póde ser corrupção de *abati-cupaba*, que quer dizer—logares do milho, milharaes.» (Th. S., Ns. Ms.)

Batinga.—(Serra e riacho no Mun. de Bom - Conselho).—«Corr. *ybá-tinga*, fructa branca, ou esbranquiçada.» (Th. S., Ns. Ms.)

Beberibe.—(Pov. e rio no Mun. de Olinda).—Antigo *Iabebiry*, c. *Iabebir-y-pe*, no rio das raías, ou peixes chatos.

Bepicu.—(Riacho affl. do Tejucopapo).—C. *apé-pucú*, caminho comprido, verêda longa.

Bertioga.—(Log. á beira-mar no Mun. da Olinda).—«Corr. *parati-oca*, alt. *barati-oga*, *barti-oga*, *berti-oga*, casa, refugio, ou paradeiro das tainhas.» (Th. S., 114)

Bijari.—(Eng. no Mun. de Goyanna).—«Corr. *yby-yari*, que quer dizer—terra longa, uma especie de planice.» (Th. S., Ns. Ms.)

Boacica.—(Eng. no Mun. de Ipojuca).—Corr. «*mboi-acig*, cobra curta, ou cortada, que dizem ter duas cabeças.» (B. C., 250)

Boissó.—(Riacho afl. do Serinhaem).—«Parece corrupção de *mboy-yçog*, que se traduz—bicho de cobra, ou piolho de cobra.» (Th. S., Ns. Ms.)

Bongy.—(Log. no Mun. do Recife).—«Parece corrupção de *pong-y*, que significa—agua da pancada, ou agua do rumôr.» (Th. S., Ns. Ms.)

Borborema.—(Grande serra ao Noroeste do Estado).—«Corr. *pór-pora-yêma*, sem moradores, sem habitantes, o deserto, o sertão.» (Th. S., 116)

Bu.—(Riacho no Mun. de Goyanna).—«Uma vez que é denominação de riacho, deve ser corrupção de *ybú*—*yypá*, que quer dizer—manancial.» (Th. S., Ns. Ms.)

Bucu.—(Serra nos Muns. de Cimbres e da Pedra).—Alt. *pucú*, longo, comprido.

Buique.—(Villa e Mun.).—Corr. *yby*—*ubú*—*bú-yiqui*, sal da terra; o Mun. é abundante em salitreiras.

Bujari.—(Eng. no Mun. de Goyanna).—Vide *Bijari*.

Bulandy.—(Lagôa no Mun. de Bom Conselho).—Corr. *ybirá-ñandi*, pau de azeite, ou d'oleo.

Buranhaem.—(Engs. nos Muns. do Cabo e de Serinhaem).—«*ybirá-nhen*, alt. *iburá-nhen*, *bura-nhem*, pau doce, sapotacea de casca adocicada (*Chrysophyllum glycyphelum*).» (*Th. S.*, 116)

Burarama.—(Eng. no Mun. de Serinhaem).—«Parece corrupção de *ybirá-rama*, ou futuro de *ybyrá*, porque, no tupi, os nomes também têm passado e futuro como os verbos, e, neste caso, significa—árvores que não de ser, árvores vindouras. Póde ser também *ybyrá-retama*, por contracção *ybyrá-rama*, significando—terra das árvores, ou região da matta.» (*Th. S.*, *Ns. Ms.*)

Buraré.—(Eng. no Mun. de Nazareth).—«Corr. *ybyrá-ré*=*ybyránen*, madeira, ou pau fetido; nome dado a árvores e a lianas.» (*B. C.*, 194)

Burity.—(Riacho afl. do Ipojuca).—«Corr. *mbiriti*, nome da palmeira (*Mauritia vinifera*, Mart.).» (*Th. S.*, 116)

Bythury.—(Riacho no Mun. do Brejo).—«Póde ser corrupção de *ybytá-r-y*, significando—o rio, ou a agua das nuvens, como póde proceder de *ybytyr-y*, alterado para *ybitur-y* e finalmente *bitur-y*, que se traduz—agua do monte.» (Th. S., Ns. Ms.)

C

Caboatan.—(Log. no Mun. de Olin-da).—Corr. *cáapo-alã*, matto de fibra dura; é o nome de uma sapindacea (*Cupania vernalis*, St. Hil.).

Cabocó.—(Log. no Mun. do Recife).—«Parece corrupção de *caba-ocó*, que quer dizer—a vespa está; isto é—onde ha vespa.» (Th. S., Ns. Ms.)

Cabrunema.—(Eng. no Mun. da Escada).—«Póde ser alteração de *cabarú-nema* significando—cavallo ruim, como póde ser corrupção de *cabun-nema*, significando—vespão fetido.» (Th. S., Ns. Ms.)

Cabu.—(Eng. no Mun. de Iguaras-sú).—Alt. *Cabun*, vespa negra, ou preta.

Cabuçú.—(Riacho no Mun. de Rio Formoso).—C. *caba-uçú*, vespa grande.

Caçatuba.—(Riacho afl. do Capibaribe).—C. *cáa-açá-tyba*=*tuba*, cercados em abundancia.

Caheté.—(Engs. nos Muns. de Goyana e de Ipojuca).—Corr. *caa-êté*, matto real, ou verdadeiro; matto virgem. (*Th. S.*, 117)

Cahu'.—(Eng. no Mun. de Iguarasú).—Corr. *caá-y*, rio da matta.

Caianna.—(Log. no Mun. de Bezzerros).—Corr. *Cayenne*, capital da Guyana Franceza, de onde, em principios do seculo XIX, foi importada a variedade da cana de assucar que tem este nome.

Caiapé.—(Eng. no Mun. de Iguarasú).—«Parece corrupção de *acayá-pé*, significando—vereda dos cajás.» (*Th. S.*, *Ns. Ms.*)

Caiará.—(Riacho no Mun. de S. Lourenço da Matta).—«Póde ser corrupção de *acayá-rã*, que tambem se diz *acayá-rana*,

que quer dizer—similhante a cajá.» (Th. S., *Ns. Ms.*)

Caiçára.—(Pov. no Mun. da Victória).—«Corr. *cáa-içá*, o cercado, a trincheira, ou paliçada, o curral.» (Th. S., 118)

Caipé.—(Riacho affl. do Ipojuca).—C. *cáa-y-pé*, no rio da matta.

Caipóra.—Log. no Mun. de Gravatá).—«Corr. *cáa-y-póra*, o que mora, habita, ou frequenta a matta; genio da mythologia selvagem.» (Th. S., 118)

Caité.—(Eng. no Mun. de Iguarassú).—Vide *Caheté*.

Caiupé.—(Eng. no Mun. de Iguarassú).—«Parece alteração de *acayú-pé*, significando—vereda dos cajús.» (Th. S., *Ns. Ms.*)

Cajá.—(Riacho affl. do Tapacurá).—Corr. *acayá*, fructo de caroço (*Spondias venulosa*).

Cajabussú.—(Riacho affl. do Pirapama).—«Póde proceder de *acayaba-uçú*,

significando cedro grande.» (Th. S., *Ns. Ms.*)

Cajassuri.—(Faz. no Mun. da Pedra).—Corr. *acayá-assú-r-y*, rio dos cajás grandes.

Cajú.—(Eng. no Mun. de Taquaringa).—«Corr. *acayú* (*Anacardium occidentale*), nome generico dos anacardios, de *acã*, carôço, *yu*, suffixo.» (*B. C.*, 21)

Cajucú.—(Eng. no Mun. de Goyanna).—*C. acayú-cú*, o cajú comprido, longo.

Calugi.—(Eng. no Mun. de Goyanna).—Corr. *carú-g-y*, rio da comida, ou do alimento.

Camara'.—(Eng. no Mun. de Itambé).—«Corr. *cãa-parã*, herba ou folha variegada, de muitas côres, ou colorida (*Lantana spinosa*), Linn.)

Camara-gibe.—(Riacho afl. do Capibaribe).—«Corr. *camará-g-y-pe*, no rio dos camarás.» (*Th. S.*, 118)

Camassary.—(Engs. nos Muns. de Jaboação, Escada e Rio Formoso).—Corr.

camará-çaryb, camará de cacho ou de penca, ou cacho, penca de camarás.

Camocim.—(Pov. no Mun. de Bezzeros).—«Corr. *cambú-chi*, vaso d'agna, pote, cantaro, tina.» (B. C., 66)

Camurigy.—(Riacho affl. do Capi-baribe).—C. *camuri-g-y*, rio dos camorins.

Camurigymirim.—(Riacho affl. do Serinhaem).—C. *camuri-g-y-mirim*, pequeno rio dos camorins.

Camutanga.—(Pov. e Riacho no Mun. de Itambé).—«Corr. *acamitã*, cabeça vermelha, crista; nome de varias aves e de um papagaio.» (B. C., 19)

Cananduba.—(Eng. no Mun. de Jaboatão).—Voe. hybridado de *can-na-duba=tyba*, canas em abundancia, canaveal.

Cangaça'.—(Eng. no Mun. de S. Lourenço da Matta).—«Corr. *acang-açab*, galho secco, ou cortado.

Cangahú.—(Eng. no Mun. de Nazareth).—«Corr. *acang-y*, rio das cabe-

ceiras, agua drs nascentes.» (Th. S., Ns. Ms.)

Canindé.—(Eng. no Mun. de Agua Preta).—«Nome de uma especie de arára, talvez contr. de *arara-canindé*, arára muito retincta.» (B. C. 67)

Capema.—(Riacho no Mun. de Bonito).—«Corr. *cáa-pema*, pau chato, ou pau esquinado.» (Th. S., Ns. Ms.)

Capibaribe.—(Rio).—«Corr. *cáa-piuar-y-pe*, alt. *capibar-y-be*, no rio das capivaras.» (Th. S., 119)

Capibaribemerim.—(Rio).—Corr. *cáa-piuar-y-pemirim*, no pequeno rio das capivaras.

Capim.—(Serras nos Muns. de Quipapá e Tacaratú; lagôas nos de Altinho, Bom-Conselho e Granito).—«Corr. *capin* = *cáa-piyu*, matto fino.

Capissurá.—(Riacho no Mun. de Itambeé).—Corr. *capin-çur-á*, capim de grão, ou semente saliente.

Capivara.—(Log. no Mun. de Bom Jardim; riacho no Mun. de Bonito).—«Corr. *capin-uára*, o comedor de capim, o herbívoro (*Gydrochocus Capibara*).» (*Th. S.*, 119)

Capoeiras.—(Riachos nos Muns. de Bonito e Palmares).—«Corr. *cáa-poéra*, matto extincto, matta cortada ou destruída; costuma-se confundir com *copueira*, c. *cô-poéra*, roça extincta, roça velha, abandonada e já invadida pelo matto.» (*Th. S.*, 119)

Capunga.—(Arrabalde da cidade do Recife).—Corr. *cáa-pong*, pau sonoro, que percutido sôa; *caaponga* é o nome vulgar da *Philoxerus vermiculata*, Swart.

Caracituba.—(Riacho affl. do Ipojuca).—«Corr. *cará-cin-tyba*. Chama-se *cara-cin* a raiz de cará. *Caracin-tyba* quer dizer: abundancia de raizes de cará.» (*Th. S.*, *Ns.* Ms.)

Caracuípe.—(Eng. no Mun. de Agua-Preta).—C. *acará-assû-y-pe*, no rio dos carás grandes,

Caracundaya.—(Antigo nome da fóz do rio Tracunhaem).—C. *acará-cundá-yâi*, ancoradouro dos carás tortos, ou torcidos.

Caraguatá.—(Eng. no Mun. de S. Lourenço da Matta).—« C. *carau-a-atã*, o carauá rijo, duro.» (*Th. S.*, 120)

Caragussu'.—(Riacho afl. do Ipojuca).—C. *acará guassú*, cará grande.

Carahu'.—(Riacho no Município de Iguarassú).—Corr. *cará-y*, agua ou rio dos carás.

Carahybas.—(Pov. no Mun. de Boa Vista).—« Adj., forte, valente, sabio, sagrado; appellido do homem branco entre os tupis.» (*Th. S.*, 112)

Carat.—(Fazenda no Mun. de Floresta).—«Corr. *carahyba*, com o mesmo significado do precedente.» (*Th. S.*, *Ns. Ms.*)

Caramuru'.—(Eng. no Mun. de Agua-Preta).—Corr. *acará-mburá*, e o cará diabo, a moréa.

Carapitangy.—(Riacho na ilha de Itamaracá). — *C. acará-pitã-g-y*, rio dos acarás vermelhos, ou das carapitangas.

Carassu'.—(Riacho no Mun. de Barreiros).—*C. acará-assú*, cará grande.

Carautá.—(Pov. no Mun. de Igua-rassú). — « *C. caruá-atã*, o carauá rijo, duro.» (*Th. S.*, 120)

Carauípe.—(Pov. no Mun. de Agua Preta). — *C. acará-un-y-pe*, no rio dos carás escuros, ou pretos.

Carauna.—(Riacho no Mun. de Jaboatão). — *C. cará-una*, cará escuro, ou preto.

Carijó.—(Eng. no Mun. de Goyanna). — « *Corr. cari-yo*, o descendente, o tirado dos carahybas, tem o mesmo significado de *cariboca*.» (*Th. S.*, 120)

Cariman.—(Riacho afl. do Una). — « *Corr. quirin-mã*, bolo tenro ou panhado de cousa branda, pois que *quirin* = *quir-in* significa—succo brando, macio,

uma massa fluida; *mã*=bolo, punhado, molho.» (Th. S., Ns. Ms.)

Carirys.—(Serra que separa Pernambuco do Ceará).—«Corr. *kiriri*, adj., taciturno, silencioso, calado; appellido do povo selvagem que outr'ora occupou grande extensão do Brasil para o Norte, e mais tarde encontrou-se nos sertões de Pernambuco, Parahyba, Rio Grande do Norte e Ceará.» (Th. S., 121)

Carnahuba.—(Riacho affl. do Pa-jehú).—«Corr. *caraná-yba*, alt. *caraná-uba*, a palmeira conhecida (*Copernicia cerifera*) (Th. S., 121)

Carnahyba.—(Pov. no Mun. de Flores).—O mesmo que o precedente.

Carnijó.—(Eng. no Mun. de Jaboatão; riacho no Mun. de Bom-Conselho).—«Parece corrupção de *carã-ny-yó*, que significa—o cará se arranca. E' como se se dissesse—onde se colhe o cará. *Carã-ny* é o cará rugoso, a raiz cheia de rugas, ou nós.» (Th. S., Ns. Ms.)

Carpina (*Chã do*—Pov. no Mun. de Nazareth).—Corr. «*carapindár*, o que lavra, cercêa, apara, o carpinteiro.» (*B. C.*, 59).—Este nome indigena e tradicional foi ha pouco ineptamente mudado, pela Camara Municipal de Nazareth, para o de *Floresta dos Leões* (!!!) a instancias de um vesanico morador da localidade.

Caruá.—(Serra no Mun. de Gravatá).—Corr. *caruár*, especie de paralyisia que ataca as pernas do gado vaccum.

Caruaru'.—(Cidade e Mun).—Corr. *caruar-y*, alt. *caruár-ú*, rio das caruáras.

Caruru'.—(Riacho no Mun. de Nazareth).—«Corr. *cáa-ruru*, herva inchada, ou grossa, folha aguada, ou viscosa, mucilagínosa» (*B. C.*, 64); «póde tambem ser corr. *cáa-reru*, prato de hervas, ou de folhas.» (*Th. S.*, 121). E' o nome vulgar do *Amaranthus viridis*, Willd. et Sp.

Cassuá.—(Eng. no Mun. da Escada).—«Se fôr tupi, como parece, é corrupção de *cáa-açoyá*, alterado para *cáa-açoá* = *cáa-çoá* = *caçoá* e finalmente *cassuá*, si-

gnificando—cobertura, ou chapéo de pau, tapagem de pau, tecido de pau, isto é, tecido, ou trama de pau, ou de cipós. O *cassuá* é um cesto feito de cipós rijos, com azelhas. O nome *cassuá* pôde vir ainda de *cassu-á* ou melhor *ca-uçu-á*. *Ca-uçu* é uma vespa grande também denominada *cabuçú*; sendo *caba* ou *cáuá* e por contracção *cá*, vespa; *uçú*, grande. *Cauçú* alterou-se em *caçú*, como se observa frequentemente no Sul. *Caçu-á* significaria, neste caso, vespão em pé, vespão assanhado.» (Th. S., Ns. Ms.)

Cassupim.—(Eng. no Mun. da Escada).—«Corr. *caçú*—*cauçú-pin*, picada de vespão, ou—o vespão morde.» (Th. S., Ns. Ms.)

Catimbáo.—(Serra no Mun. de Buique).—Corr. *cáa-tin-imbai*, matto, ou folha branca ruim, catinga ruim.

Catinga.—(Pov. no Mun. de Gravata).—«Corr. *cáa-tinga*, matto branco, alvamento, especial das regiões seccas do Brasil.» (Th. S., 121)

Catingueira.—(Riacho no Mun. do Brejo).—Voc. híbrido, composto do tupi *caatinga*, e do suff. portuguez *eira*; é o nome vulgar de varias leguminosas e euforbiaceas.

Catolé.—(Serra no Mun. de Belmonte).—«Voc. que não parece tupi e que se encontra no sertão designando uma palmeira (*Atalea humilis*).» (*Th. S.*, 121)

Catá.—(Eng. no Mun. de Goyanna).—«Adj., bom, bonito, conveniente; adv., bem, bastante.» (*Th. S.*, 121)

Catuama.—(Pov. no Mun. de Goyanna).—«Póde vir de *cáa-tuã* significando —talos de folhas, grelos, palmitos.» (*Th. S.*, *Ns. Ms.*)

Catuca.—(Log. no Mun. de Goyanna).—C. *catu-caá*, bastante matto (?); as mattas de Catucá são famosas pela sua extensão e espessura.

Cauan.—(Eng. no Mun. de Agua Preta).—Vide—*Acauan*.

Caxangá'.—(Pov. no Mun. do Recife).—Corr. *caa-çang-áb*, matto estendi-

do (?); pôde ser ainda corr. *cáa-çang-guá*, matto do valle dilatado, ou, finalmente, corr. *caa-ciangá*, matto da madastra, ou da madrinha.

Changuá.—(Eng. no Mun. de Rio Formoso).—C. *çang-guá*, valle dilatado, ou estendido.

Cibiró.—Riacho affl. do Serinhaem).—«Parece compôr-se de *cibi-rô* significando—o *cebi* ferido; um passarinho pardo conhecido por *Cebi*, nome que se alterou em *Cebinho*.» (Th. S., Ns. Ms.)

Cocahu'.—(Riacho affl. do Serinhaem).—C. *co-ca-y* alt. *coca-u*, rio dos mantimentos, ou dos viveres.

Coités.—(Serra no Mun. de Nazareth).—C. «*cui-êlé*, vaso real, cuia grande, ou capaz, cuia bôa.» (B. C., 80)

Columby.—(Log. no Mun. de Flores).—«Em outros logares *Calumby*, é corrupção de *cáa-umby*, matto verde, ou folha azulada, ou tirando a anil.» (Th. S., Ns. Ms.)

Communaty.—(Serra no Mun. de Aguas-Bellas).—«Corr. *comaná-tim*, feijão branco.» (Th. S., 122)

Corémay.—(Riacho na ilha de Itamaracá).—C. *corimã-y*, rio das corimans.

Coromatá.—(Ilha no Rio S. Francisco).—Corr. «*quiri-mbatã*, peixe salmão, (muito tenro, ou muito vermelho).» (B. C., 438)

Cotigy.—(Riacho no Mun. da Escada).—Corr. *acuti-g-y*, rio das cotias.

Cotunguba.—(Pov. e riacho no Mun. de Gravatá).—«Em outros logares, *Cotinguiba*, é corrupção de *cotynga-yba*, que quer dizer—pau de véla, isto é, mastro de embarcação.» (Th. S., Ns. Ms.)

Cromatá.—(Ilha no rio S. Francisco).—Vide *Coromatá*.

Cruangy.—(Pov. no Mun. de Timbauba; riacho afl. do Capibaribe-merim).—C. *curuã-g-y*, rio das curuanhas ou cruanhas, arvore silvestre, que cresce em abundancia nas suas margens.

Crussahy.—(Riachº affl. do Capibaribe).—Corr. *curuçá-y*, rio da cruz; *curaçá* é alt. tupi do portuguez *cruz*.

Cuaté.—(Log. no Mun. de Itambé).—«Corr. *quá-té*, poço desmanchado ou transformado.» (Th. S., Ns. Ms.)

Cuépe.—(Eng. no Mun. de S. Lourenço da Matta).—«Parece corrupção de *cué-pe*, que quer dizer—no mexido, no agitado, no revolvido.» (Th. S., Ns. Ms.)

Cumarú.—(Logs. nos Muns. de Limoeiro e de Bom-Jardim).—«Corr. *cumbarú*=*cumbary*, especie de pimenta (deram-me como significando em geral «tempero», *cu*, o alimento, *mboari*, alegrar).» (B. C., 81). E' tambem o nome de uma leguminosa (*Dipterix odorata*), *D. C.*

Cumbe.—(Log. no Mun. de Olinda).—«Não parece tupi, mas se o fôr, parece compôr-se de *cúm-be*, o mesmo que *cúm-pe*, em que se troca o *p* por *b*, porque se dá o abrandamento do som, por estar precedente uma syllaba nasal.» (Th. S., Ns. Ms.)

Cúpe.—(Pov. no Mun. de Ipojuca).—«Póde ser corrupção de *cú-pe*, que quer dizer—no aperto, no apertado.» (Th. S., Ns. Ms.)

Cupety.—(Pov. e riacho no Mun. de Alagôa de Baixo).—Corr. *copi-t-y*, rio da roça, ou do roçado.

Curémay.—(Riacho na ilha de Itamaracá).—Vide *Corémay*.

Curcuranas.—(Pov. no Mun. de Jaboatão).—Ant. *caracurana* = *caracurana*, o falso vinho de raizæ(?)

Cursahy.—(Eng. no Mun. de Pau d'Alho).—Vide *Crussahy*.

Curubé.—(Riacho no Mun. de Igua-rassú).—«Parece corrupção de *curu-beb*, cabaças grossas.» (Th. S., Ns. Ms.)

Curubu'.—(Riacho no Mun. de Olin-da).—Corr. *curub-y*, alt. *curub-u*, rio dos seixos, ou do cascalho.

Curupaity.—(Engs. nos Muns. de Agua-Preta, Nazareth, Palmares, Serinhaem e S. Lourenço da Matta).

Cururu.—(Eng. no Mun. de Gamelleira).—«O roncador, o que ronca, o sapo grande (Pipa cururu).» (*Th. S.*, 124)

Curuzu'.—(Eng. no Mun. de Gamelleira).—«E' o vocabulo *cruz* pronunciado á moda guarany.» (*Th. S.*, 124)

Cutegy.—(Riachos nos Muns. de Alagôa de Baixo e da Escada).—Corr. *cui-ê-tê-g-y*, rio das coités.

Cuyaba'.—(Eng. no Mun. de Agua Preta).—«C. *cuy-abá*, gente forte, esforçada, valente.» (*Th. S.*, 124)

Cuyambuca.—(Pov. e riacho no Mun. de Agua-Preta).—«Corr. *cuñambucú*, mulher alta, alongada, isto é, moça.» (*B. C.*, 263)

E

Embóassu'.—(Pontal ao N. do Estado e proximo á Ponta do Funil).—C. *embó-assú*, riacho grande.—«Póde ser corrupção de *mboy-uçú*, cobra grande.» (*Th. S.*, *Ns. Ms.*)

Emburanas.—(Pov. no Mun. de Caruarú; serras nos Muns. de Caruarú e Taquaretinga).—Corr. *imbú-rana*, semelhante ao imbú, planta da familia das leguminosas (Dipterix peteropa).

Exú.—(Mun. e villa; serras nos Muns. de Buique e Brejo da Madre de Deus).—«Corr. *eichú*, ou *eira-chú*, abelha negra que faz um ninho rugoso, aspero.» (Th. S., 124)

G

Gamba'.—(Eng. no Mun. de Nazareth).—«Corr. *guá-ambá*, seio ouco, e sacco vazio; nome de um marsupio que guarda os filhos em um sacco que tem na barriga.» (Didelphus). (Th. S., 124)

Garanhuns.—(Mun. e cidade).—«Corr. *quirá-nhun*, os passaros pretos.» (Th. S., 124)

Garapu'.—(Eng. no Mun. do Cabo).—Corr. *guará-ypú*, fonte dos guarás, que alli abundam, devastando os canaveaes.

Gatiuba.—(Riacho no Mun. de Goyanna).—«Parece corrupção de *catiuba*

que, por sua vez, é corrupção do tupi *caá-t-yuba*, que quer dizer—pau amarello.» (Th. S., Ns. Ms.)

Genipapo.—(Riacho no Mun. de Bonito).—«Corr. *yanipaba*, ou *nhandipab*, fructa de esfregar, ou que serve para pintar.» (Th. S., 125)

Gequia'.—(Pov. no Mun. do Recife).—Ant. *Yequeá*—«*yequeá*, o cesto, o covo de apanhar peixes ou aves.» (B. C., 587)

Gerimu'.—(Serra no Mun. de Garanhuns).—Corr. *ina-yurumun*, cabaça de bocca ou gargalo estreito; nome indigena da abobora conhecida (*Cucurbita major rotunda*), ou talvez com mais propriedade a variedade denominada—*gerimú de pescoço*.» (B. C., ...)

Geriquity.—(Log. no Mun. do Recife).—«Corr. *yari-quynty*, cacho cortado.» (Th. S., Ns. Ms.)

Gindahy.—(Riacho affl. do Tracunhaem).—Corr. *nhendai-hy*, rio das jandaias.

Goita'.—(Rio affl. do Capibaribe).—«Parece corrupção de *guá-itá*, que quer dizer—pedra da baixa; pôde ser também corrupção de *cuin-itá* e se traduz—pedra de farinha ou gral, pedra em que se quebra o milho para fazer a farinha.» (Th. S., *Ns. Ms.*)

Goyabeira.—(Eng. no Mun. de Jaboatão).—Voc. hybridó composto do tupi—*goyaba* (*acoyá*, junta de grãos), nome do *Psidium*, e do suff. portuguez *eira*; a arvore da goiaba.

Goyanna.—(Mun. e cidade).—«Ant. *Gueena*, como o escreveu na sua *História do Brasil*, de 1627, Frei Vicente do Salvador; mas deve ser antes—*Guayana*, c. *Guá-yã*i, porto, ou ancoradouro do valle, ou da bacia.» (Th. S., 125)

Gramame.—(Riacho no Mun. de Itambé).—«Corr. *guára-mãmo*, cerca, curral, rodeio, manga.» (Th. S., 125)

Gravatá.—(Mun. e cidade).—Corr. *carauá-atã*, o carauá rijo, duro.

Guabiraba.—(Pov. e Mun. de Limoeiro).—«Corr. *guab-iroba*, alt. *guab-ira-*

ba, comida, aliás, fructa de comer amarga (Abbevillea maschalantha).» (Th. S., 126)

Guaibihebé.—(Riacho afl. do Capibaribe).—C. *guaibi-ebé*, barriga de velha.

Guaibipopéba.—(Riacho afl. do Araripe).—«Corr. *guaibin* ou *guaimi-popéba*, que se traduz—a mão chata da velha—e também—cinta ou faixa da velha. O nome *popéba* indica uma trança ou faixa, tira de panno, especie de tanga, que as mulheres traziam á cinta.» (Th. S., Ns. Ms.)

Guaibú.—(Pov. e ancoradouro no Mun. do Cabo).—«Parece corrupção de *guá-ybú*, que quer dizer—fonte ou olho d'agua do valle, isto é,—olho d'agua da baixa.» (Th. S., Ns. Ms.)

Guajá.—(Riacho afl. do Pirapama).—C. *guayá*, o carangejo.

Guajáguira'.—(Braço do rio Cebiró).—«Corr. *guayá-guirá*, passaro ou

ave dos carangejos, designando-se com esse nome uma ave que se alimenta destes crustaceos.» (Th. S., *Ns. Ms.*)

Guajirú.—(Pov. no Mun. de Goyana).—«Corr. *guá-gy-r-ú*, agua da lagôa.» (Th. S., 126)

Guararapes.—(Montes celebres na Guerra Hollandeza).—«Corr. *guarará-pe*, nos tambores.» (Th. S., 127).—E' um dos raros vocabulos indigenas bem interpretados pelos antigos chronistas: Já Frei Raphael de Jesus, no *Castrioto Lusitano* (Ed. 1679, pag. 579), explicava: «Guararapes, na lingua do Genticio, he o mesmo que estrondo, ou estrepito, que cauzão os instrumentos de golpe, como sino, tambor, atabale, & outros; & o rumor, que fazem as agoas pellas roturas, & concavidades delles (montes) lhes deu o nome de Guararapes.»

Gurjáhu'.—(Pov. e riacho no Mun. de Jaboatão).—Ant. *Gurujáy*, c. *guarú-yá-y*, rio do viveiro dos sapos, ou onde se criam os sapos.

I

Ibipupura.—(Ant. eng. no Mun. do Recife).—Corr. *ibi-popór*, terra fertil.

Ibirapaba.—(Riacho affl. do Araripe).—C. *ibirá-paba*, madeira talhada, cortada, lavrada.

Ibirapitangy.—(Riacho affl. do Capibaribe).—C. *ibirá-pitã-g-y*, rio do pau vermelho, ou do pau brasil.

Ibitara.—(Ant. eng. no Mun. de S. Lourenço da Matta).—« Corr. *yby-tara*, espiga de terra, isto é, o ornato em fôrma de espiga que se introduzia no beijo inferior ou nas orelhas, uns feitos de pedra (*itámetara*), outros de terra *ybitara* ou *Ybymetara*).» (Th. S., Ns. Ns.)

Ibura.—(Log. no Mun. de Recife).—Corr. *ibúr*, a fonte, o manancial, a nascente.

Icipupéba.—(Riacho affl. do Pirapama).—Corr. *ici-pó-péb*, o cipó chato, a liana em forma de fita.

Igarassupitanga.—(Riacho affl. do Iguarassú).—C. *ygará-assú-pitã*, a grande canôa vermelha.

Iguapé.—(Eng. no Mun. de Nazareth).—C. *igua-pé*, o caminho do lagamar, ou da bacia fluvial.

Iguarassu'.—(Mun. e cidade).—«Corr. *igara-assú*, canôa grande, barco de alto bordo, navio.» (*Th. S.*, 130)

Imbê.—(Serra no Mun. de Cimbres).—«C. *ym-mbe*, planta que se arrasta, planta rasteira, trepadeira.» (*Th. S.*, 130). (*Philondendron imbê*).

Imberibeira.—(Log. no Mun. do Recife).—Voc. híbrido composto do tupi *imbi-rib* (*in-piri*, perto ou junto d'água, *ib*, arvore) nome das aroideas, vulgo «folhas da fonte», e o suff. portuguez *eira*.

Ingá.—(Riacho no Mun. de Quipapá).—C. *ingá*, ensopado, cheio d'água; é o nome de varias mimosas e leguminosas.

Ingazeira.—(Mun. e villa).—Voc. hybridado formado do precedente com o suff. portuguez *eira*; arvore do ingá.

Inhacipopuco.—(Riacho no Mun. de Iguarassú).—«Corr. *nhãcipó-pug*, o cipó partido, ou arrebetado.» (Th. S., Ns. Ms.)

Inhaem.—(Ilha no rio S. Francisco).—«Corr. *y-nhaem*, panella d'agua, pote.» (Th. S., Ns. Ms.)

Inhaman.—(Pov. no Mun. de Ipojuca).—«Corr. *y-nhamã*, circulo d'agua, rodeio d'agua, agua em torno.» (Th. S., Ns. Ms.)

Inhumas.—(Riacho no Mun. de Altinho).—Alt. *anhumas*, «corr. *nhã-um*, com a apposição do artigo portuguez *a*, significa—*ave preta*, (Palamedea cornuta).» (Th. S., 110)

Iobi.—(Riacho affl. do Tapirema).—C. *y-obi*, o rio verde.

Iobuguassu'.—(Antigo nome do rio Formoso).—Corr. *y-obi-guassú*, grande rio verde.

Ipetunga.—(Riacho afl. do Araripe).—«Corr. *ipé-tunga*, pulga ou bicho de sujeira, bicho de immundicie; pôde, porém, ser corr. de *yby-tunga*, que se traduz—bicho do chão, ou pulga do chão, ou o bicho do pé.» (Th. S., Ns. Ms.)

Ipiranga.—(Eng. no Mun. de Agua Preta).—C. *y-piranga*, agua ou rio vermelho.

Ipojuca.—(Mun., cidade e rio).—«Corr. *yapó-yuc*, estagnado, pôdre, banhado de aguas putridas.» (Th. S., 131)

Iputinga.—(Log. no Mun. do Recife).—C. *ipú-tinga*, olho d'agua branca, fonte clara.

Iruzui.—(Riacho no alto sertão, afl. do Parnahyba).—«Corr. *uruçu-y*, rio do *uruçú*, nome de uma bôa variedade de abelhas indigenas.» (Th. S., Ns. Ms.)

Itaborahy.—(Eng. no Mun. de Pau d'Alho).—«Corr. *itá-pore-y*, rio do salto da pedra.» (Th. S., 131)

Itacaratú.—(Mun. e villa).—Vide *Tacaratú*.

Itacoára.—(Log. no Mun. de Goyana).—C. *itá-quara*, o buraco da pedra, a furna, a lapa.

Itaguassutiba.—(Antigo nome do rio das Ilhetas).—«Corr. *itaguassú* ou *itá-guaçu-tyba*, significando—*penedia*; pois que *itaguacu* significa—penedo, penhasco, padrão.» (Th. S., Ns. Ms.)

Itamaracá.—(Ilha).—«C. *itá-maracá*, maracá, ou chocalho de metal, o sino, a campa.» (Th. S., 132)

Itacuruba.—(Ant. nome de um affl. do Araripe).—«Corr. *itá-curuba*, pedacinhos, ou fragmentos de pedras, seixos.» (Th. S., Ns. Ms.)

Itambé.—(Mun. e cidade).—«C. *itá-aimbé*, pedra aspera, penedo afiado, cortante, ponteagudo. (Th. S., 132)

Itanhenga.—(Pov. no Mun. de Pau d'Alho).—«Corr. *itá-nheenga*, som da pedra, ou pedra sonora.» (Th. S., Ns. Ms.)

Itapessoca.—(Riacho no Mun. de Iguarassú).—«Corr. *itapé-çoca*. *Itapé* é a

contração de *Itapeba*, que perde a última syllaba ao entrar em composição e significa literalmente—pedra chata, isto é, lage; *çoca* quer dizer—batida, perfurada, moida. *Itapeçoca* quer dizer, pois,—lage batida, ou perfurada.» (Th. S., Ns. Ms.)

Itapicurú.—(Eng. no Mun. de Iguarassú).—«C. *itapé-curu*, lage fragmentada, pedra meúda, seixos, calhaus; pôde ainda ser corr. *ita-pucu-r-u*, rio da pedra comprida, ou melhor da penha longa, rio dos lageados extensos.» (Th. S., 133)

Itapirema.—(Riacho affl. do Ubú).—«Corr. *itá-apireima*, pedra sem fim, e também pôde ser corr. *tapir-ema*, anta fetida, ou fedorenta.» (Th. S., Ns. Ms.)

Itapirussú — (Morro no Mun. de Olinda).—«Corr. *tapir-uçu*, significando—anta grande, o que é mais provavel do que se se interpretasse por *itá-apira-uçú*, ou *itá-apiruçu*, que se traduz—cabeceira grande de pedra.» (Th. S., Ns. Ms.)

Itapissuma.—(Pov. no Mun. de Iguarassú).—Ant. *Itapicima*, c. *itá-pecim*, pedra de superficie liza, lage, lousa.

Itapissurú.—(Pov. no Mun. de Serinhaem).—«Corr. *itapé-curú*, lage que desliza, lage escorregadiça.» (Th. S., Ns. Ms.)

Itapocirica.—(Riacho affl. do Capibaribe).—«Póde ser corrupção de *itapé-cirica*, que quer dizer—lage corredia, lage resvaladia. O gentio designava com o nome de *itapecirica* os cabeços rochosos, calvos, onde a vegetação não consegue medrar. No littoral do Sul, do Rio de Janeiro para S. Paulo e além, ainda se conserva na lingua popular o nome indigena com essa significação.» (Th. S., Ns. Ms.)

Itapurussú.—(Log. no Mun. de Bôa Vista).—Vide *Itapirussú*.

Ituba.—(Log. no Mun. de Tacaratú).—«Corr. *y-tyba*, abundancia d'agua, ou—aguaçal, paul.» (Th. S., Ns. Ms.)

Iulás.—(Riacho affl. do rio Mandahú).—«Corr. *yui-áa*, rãs pequenas.» (Th. S., Ns. Ms.)

J

Jabaira.—(Riacho affl. do Capiba-
ribe).—C. *yabá-ira*, esconderijo do mel.

Jaboatão.—(Rio, mun. e cidade).—
Antigamente—*Iauapoaatã*, que se decom-
põe em *Iauá-poaatã*, *Yauá* é a forma con-
tracta de *yaguá* que é o mesmo *Yaguá-
ra*, perdendo este a ultima syllaba ao
entrar em composição; *poaatã* ou *pó-atã*,
quer dizer—mão rija, mão firme. Por-
tanto, *yauá-poaatã* quer dizer—mão rija
de onça, ou mão dura de onça. Como,
porém, o nome indígena se applica a um
fructo espinhoso de fibra dura, reconhe-
ce-se que o selvagem o compara ou equi-
para a uma mão aspera como a da onça
com as suas unhas estendidas.» (Th. S.,
Ns. Ms.)

Jaboticaba.—(Serra no Mun. de
Bezerros).—Corr. «*iapoticaba*, botão de
fructos, ou fructas em botão; nome tupi
do fructo de varias myrtaceas.» (B. C.,
184)

Jacarará.—(Serra no Mun. de
Taquaretinga).—« Parece corrupção de

yacarérã, significando — semelhante ou parecido com o jacaré; designa alguma cousa cujo exterior se assemelha ao couro do jacaré.» (Th. S., Ns. Ms.)

Jacaré. — (Riacho nos limites dos Muns. de Olinda e do Recife). — «Corr. *ya-caré*, o que é encurvado, ou sinuoso; corr. *y-echa-caré* o que olha torto, ou de banda; póde ser ainda corr. *yaguá-ré*, a fera de outro genero, ou como se fôra — a onça d'agua (*Crocodylus sclerops*)» (Th. S., 134)

Jacú. — (Eng. no Mun. de Nazareth). — «Corr. *y-a-cú*, o que come grãos, o que traga, ou engole fructos (Th. S., 135) (B. C., 565)

Jacuhype. — (Rio affl. do Una). — «Corr. *yacá-y-pe*, no rio dos jacús.» (Th. S., 135)

Jaguará. — (Riacho affl. do Ipojuca). — C. *yaguá-rá*, semelhante á onça; o cão.

Jaguarama. — (Riacho affl. do Pirangyzinho). — C. *yaguá-retama*, alt. *yaguá-rama*, a região das onças.

Jaguarana. — (Log. no Mun. de Amaragy). — C. *yaguá-rana*, parecido com, semelhante á onça; o cão.

Jaguaribe. — (Braço do rio Maria Farinha; riacho na ilha de Itamaracá). — «Corr. *yaguár-y-pe*, no rio da onça.» (Th. S., 135)

Jagurussú. — (Riacho afl. do Capibaribe). — «Póde ser corrupção de *yacu-r-uçú*, o jacú grande.» (Th. S., Ns. Ms.)

Japaranduba. — (Eng. e riacho no Mun. de Palmares). — Ant. *Iaparatiba*, corr. *yapára-tyba*, arcos em abundancia; como é o nome de uma arvore de madeira muito flexivel póde tambem ser corr. *yapára-t-iba*, arvore dos arcos.

Japomin. — (Riacho no Muu. de Goyanna). — «Parece corrupção de *yapó-nun* que quer dizer—brejinho, pantano pequeno.» (Th. S., Ns. Ms.)

Japicanga. — (Serra entre os Muns. de Bonito e do Brejo). — «Parece corrupção de—*yapê-cang*, significando—o que

é torto e secco. Póde ser ainda *ya-ape-cang*, ramagem de espinho, haste de espinho.» (Th. S., Ns. Ms.)

Jaquicipitanga.—(Riacho afl. do Ipojuca).—Ant. *Iequicipitanga*, «parece corr. de *y-quicin-pitanya*, que se traduz—agua revolvida, ou agua turva, vermelha.» (Th. S., Ns. Ms.)

Jaracatiba.—(Serra no Mun. de Garanhuns).—«Parece corrupção de *yara-raca-tyba*, onde abundam as jararacas.» (Th. S., Ns. Ms.)

Jararaca.—Log. no Mun. de Goyana).—«C. *yará-r-ag*, o que colhe, ou agarra envenenandó, ou, vulgarmente, o que tem bote venenoso (Bathrops).» (Th. S., 136)

Jassirú.—(Riacho afl. do Serinhaem).—«Póde ser corrupção de *yaçi-r-ú*, que se traduz—bebida da lua, bebedouro da lua.» (Th. S., Ns. Ms.)

Jatinan.—(Logôa no Mun. de Cimbres).—«Corr. *yatii-nã*, grão grosso, ou cabeço grosso.» (Th. S., Ns. Ms.)

Jatobá.—(Mun. e villa; riacho affl. do Una).—«Corr. *y-alã-obá*, o que tem dura a casca, ou a superficie.» (*Th. S.*, 136)

Jaturécay.—(Ant. nome de um affl. do Capibaribe).—«Parece corrupção de *yá-aturé-cai*, que se traduz—cabaça curta queimada, ou—queimada de cabacinhas.» (*Th. S.*, *Ns. Ms.*)

Jetirana.—(Eng. no Mun. de Barreiros).—C. *yeti-rana*, parecido com, ou semelhante á batata, em allusão á semelhança das folhas da *jetirana* com as da batata.

Jua'.—(Eng. no Mun. de Nazareth).—C. *yu-á*, fructo de espinhos.

Juazinho.—(Riacho affl. do Capibaribe).—Voc. hybridado composto do precedente e do suff. dim. portuguez *xinho*.

Jundiá'.—(Riacho affl. do Una).—«C. *Yundi*, espinhal, barbas, espinhos, á, cabeça; *jundiá*, o que tem cabeça cheia de barbas, ou espinhos; peixe d'agua doce (*Platystoma spatula*).» (*Th. S.*, 136)

Juparitiba.—(Riacho afl. do Capibaribe-mirim). — « Corr. *yu-pari-tyba*, em que *yu-pari* quer dizer—cerca de espinhos, ou — fecho de espinhos, cerrado de espinhos, trama de espinhos; *tyba* é suffixo exprimindo abundancia. *Yu-pari-tyba* é, pois,—o espinhal trançado, sarçal, silvado.» (Th. S., Ns. Ms)

Jupi.—(Serra no Mun. de Garanhuns). —C. *yu-pi*, espinho aguçado, ponteagudo, fino.

Juquicipitanga.—(Riacho afl. do Ipojuca).—Vide *Jaquicipitanga*.

Juquipitanga.—(Riacho afl. do Capibaribe-Mirim). — C. *yuquir-pitanga*, sal vermelho.

Juquiri.—« *Yuquiri*, salmoira, agua muito salgada. Póde ser corrupção de *yuqueri*, que designa um espinheiro, ou sarça.» (Th. S., Ns. Ms.)

Jurema.—(Pov. no Mun. do Brejo). —C. *yú-rema*, espinho fetido, ou fedorento; é o nome de varias mimosas.

Juruparioba.—(Riacho affl. do Araripe).—Corr. *yurupari-ób*, folha do demonio.

Jussára.—(Serra no Mun. de Bom-Conselho).—«Corr. *yu-icára* ou *yú-icá*, vara de espinho, ou haste de espinho. E' o nome de uma palmeira que attinge grande altura, e de que ha variedades.» (Th. S., Ns. Ms.)

M

Macahyba.—(Eng. no Mun. de Nazareth).—Corr. *bacayba*, a palmeira *Aerocomia Scleorocarpa* Mart.

Macapa'.—(Pov. no Mun. de Timbaúba).—«C. *macá-pá*, *macá*=*macaba* ou *bacaba*, a palmeira (*Oenocarpus Bacaba*, Mart.), *pa*, lavar, cortar, derribar; a derribada de macabas.» (Th. S., 138)

Maçaranduba.—(Riacho e pov. no Mun. de Goyanna).—«Corr. *mbaé-çarand-yba*, em que *mbaé-çaran* quer dizer—cousa resvaladia, e *yba*, arvore. *Maçaranduba*=*mbaé-çaran-d-yba* é arvore que dá cousa resvaladia, isto é, fructo escorregadio ou lubrico.» (Th. S., Ns. Ms.)

Macuca.—(Riacho afl. do Mandahú). — «Corr. *mbacuca* ou *mbaé-cuca*,—alguem que traga, o que traga, o tragador, ou engolidor.» (Th. S., Ns. Ms.) Nome de um passaro.

Mambucaba.—(Log. no Mun. do Recife).—Corr. *mombucaba*, o furo, a aberta, a passagem, o rasgão.

Mamucaba.—(Riacho no Mun. de Rio Formoso). — « Parece corrupção de *mamô-cái* que quer dizer—cerca queimada, ou—fecho que se queimou.» (Th. S., Ns. Ms.)

Manucaya.—(Log. no Mun. de S. Lourenço).—Vide *Macucaba*.

Manary.—(Riacho afl. do Moxotó). — «Corr. *amana-r-y*, agua de chuva.» (Th. S., Ns. Ms.)

Manassu'.—(Riacho afl. do Jaboa-tão).—«Corr. *amana-assú*, chuva copiosa, tempestade.» (Th. S., 138)

Mandaçaia.—(Riacho afl. do Capibaribe). — C. *manda-eçái*, estender, os

olhos em feixe(?); é o nome de uma abelha.

Mandacarú'.—(Riacho affl. do Capibaribe).—*Mandacarú*, nome dado a cardos e fructos espinhosos, ou pennugentos. » (B. C., 216)

Mandahu'.—(Rio).—«*Corr. manda-ú*, ou *manda-y*, o rio dos feixes, ou dos montões.» (Th. S., 138)

Mangari'.—(Riacho affl. do Jaboa-tão).—*Corr. mangá-r-y*, o rio dos cachos.

Manicoára.—(Lagôa no Mun. de Iguarassú).—*Corr. manib-coára*, buraco, ou cova de mandioca.

Maracahype.—(Ponta, riacho e pov. no Mun. de Ipojuca).—«*C. maracá-y-pe*, no rio do maracá, ou do chocalho.» (Th. S., 139)

Maragogy.—(Riacho no Mun. de Correntes).—«*C. morog-g-y*, rio livre, desempedido; rio amplo, desembaraçado; póde

ser também corr. *mair-aqui-gy-pe*, no rio dos francezes afogados.» (*Th. S.*, 139)

Maranguape.—(Pov. no Mun. de Olinda).—«*C. maranguá-pe*, no valle da batalha, ou da luta.» (*Th. S.*, 139)

Marayal.—(Pov. no Mun. de Palmares).—(Corr. *mbarayá*, especie de côco, palmeira; em uma sesmaria de 1820 encontra-se escripto *Marayá*.)

Maribondo.—(Log. no Mun. de Limoeiro).—Corr. *mberú-ybô*, mosca que flecha, que fere como flecha.» (*B. C.*, 229)

Marim.—(Ant. nome de Olinda).—«Corr. *mayri*, cidade.» (*Th. S.*, 139)

Mariquipu'.—(Riacho afl. do Capibaribe).—«Parece alteração de *mburiqui-pú*, que quer dizer—olho d'agua dos macacos.» (*Th. S.*, *Ns. Ms.*)

Mary.—(Riacho afl. do Capibaribe).—«Corr. *mbary* ou *pari*, uma especie de espinho, sarça, silva.» (*Th. S.*, *Ns. Ms.*)

Matapagipe.—(Eng. no Mun. do Cabo).—Corr. *iba-atã-gy-pe*, no rio do pau duro.

Matapiruna.—(Riacho afl. do Ipojuca).—Corr. *ibá-atã-purun*, pau duro que estronda.

Matary.—(Riacho afl. do Tracunhaem).—Corr. *ibá-otã-r-y*, rio do pau duro.

Matury.—(Eng. no Mun. de Bom-Jardim).—Corr. *ibá-tiriri*, fructo minguido, pequeno; diz-se do fructo do cajueiro ainda não desenvolvido.

Megahó.—(Riac. no Mun. de Goyana).—Ant. *Mogoai*; «parece corrupção de *myngau-ó*, ou *mynga-ahó*, lama fetida, barro fetido.» (Th. S., *Ns.* Ms.)

Meguahype.—(Eng. no Mun. de Jaboatão).—Corr. *mbiguai-y-pe*, no rio dos escravos.

Menicuára.—(Riacho no Mun. de Iguarassú).—Corr. *manib-quára*, cova ou buraco de maniva, ou de mandioca.

Merépes.—(Riacho no Mun. de Ipojuca).—«*Corr. meréb, feridas, sarnas.*» (Th. S., Ns. Ms.)

Merueira.—Riacho no Mun. de Iguarassú).—«Parece corrupção de *merú-cira*, que se póde traduzir—mosca com forma de abelha; póde ser tambem palavra hybrida, dando-se á palavra *merú* a terminação portugueza *cira.*» (Th. S., Ns. Ms.)

Miringaba.—(Pov. no Mun. da Victoria).—«*Miringaba* quer dizer—pequenezza.» (Th. S., Ns. Ms.)

Mirucyra.—(Log. no Mun. de Cimbres).—«*Corr. merú-cira*, mosca luzidia, polida.» (Th. S., Ns. Ms.)

Mocós.—(Pov. no Mun. de Timbaúba).—«*C. mo-coó*, ou *ma-coó*, bicho que róe, animal roedor (*Cavia rupestris.*)» (Th. S., 140)

Mondé.—(Serra no Mun. de Garanhuns).—«*C. mo-ndé*, fazer sobrepôr, ou cobrir; o que envolve, o que se alça; o laço, o alçapão.» (Th. S., 141)

Muçahyba.—(Log. no Mun. de S. Lourenço).—« Corr. *moçá-yba*, em que *moçá* ou *mã-eçá* = fazer olho, avultar; *yba*, arvore. *Moçá-yba* significará—arvore de vulto, arvore vistosa.» (Th. S., Ns. Ms.)

Muçupe.—(Eng. no Mun. de Igua-rassú).—« *Muçupe* ou *mussupe* é corrupção de *mboçú-pe*, que quer dizer—no *muçum* (especie de enguia).» (Th. S., Ns. Ms.)

Mucury.—« Parece corrupção de *mycura-y*, rio da *mucura*, especie de marsupio, ou *sariguê*. Costuma-se tambem designar por este nome uma palmeira que chamam—*Licury*, *Uricury*, *Ouricury*.» (Th. S., Ns. Ms.)

Mupam.—(Eng. no Mun. do Cabo).—« Parece alt. de *nupã*, que quer dizer pancada.» (Th. S., Ns. Ms.)

Muribára.—(Eng. no Mun. de S. Lourenço).— Ant. *Miribára*, corr. *merú-uára*, o comedor de moscas, o papa moscas.

Muribeca.—(Eng. no Mun. de Jaboação).—Ant. *Miribeca*, corr. *mberú-beca*, a mosca importuna, o mosquito persistente.» (Th. S., 141)

Mussú.—(Riacho affl. do Ipojuca).—Corr. *mbuçú*, vulgo *muçum*, especie de enguia d'agua doce.

Mussurépe.—(Riacho affl. do Capibaribe).—«Corr. *mbuçú-ré-pe*, em que *mbuçú-ré* quer dizer—moçum diferente, qualidade diversa de moçum; *pe* é a posição, para nós preposição,—em. *Mbuçuré-pe*, quer dizer, neste caso,—no moçum de outra especie.» (Th. S., Ns. Ms.)



Obu'.—(Log. no Mun. de Goyanna).—«Corr. *upú*, ou *y-bú*, agua que ferve, ou surge, o manancial, o olho d'agua.» (Th. S., 142)

Ory.—(Serra no Mun. de Flores).—«Corr. *ory*, o cacho.

Ouricury.—(Mun. e villa).—«Corr. *ary-curii*, o cacho amiudado, ou repeti-

do, o que dá cacho de continuo (*Cocos coronata*, Mart.)» (*Th. S.*, 143)

P

Pacús.—(Log. no Mun. de Flores). —«C. *pag-ú*, rápido, ou veloz no comer; é o peixe fluvial *Prochilodus argenteus*.» (*Th. S.*, 143)

Paétinga.—(Riacho affl. do Araripe). — Corr. *payé-tinça*, o feiticeiro branco.

Pagy.—(Riacho no Mun. de Nazareth).—C. *pag-y*, rio das pacas.

Pajehu'.—(Rio).—«Corr. *payé-ú* ou *payé-y*, rio do feiticeiro.» (*Th. S.*, 143)

Panema.—(Rio affl. do S. Francisco). — «Corr. *y-panema*, agua ruim, imprestavel.» (*Th. S.*, 130)

Papicu'.—(Riacho no Mun. de Goyana). — «Parece alteração de *y-pa-pucú* que quer dizer—lagôa comprida, o brejo extenso.» (*Th. S.*, Ns. Ms.)

Paraguassu'.—(Eng. no Mun. da Escada).—«C. *pará-guassú*, mar grande, e também rio grande; pôde ser ainda *pará-guá-açú*, seio grande do mar, bahia, golpho.» (Th. S., 144)

Parary. — (Eng. no Mun. de Limoeiro).—«*Parary* ou *parari* é nome de uma especie de pomba.» (Th. S., Ns. Ms.)

Parnamerim.—(Log. no Mun. do Recife).—C. *paraná-mirim*=*pará-mirim*, o riosinho, o rio menor.

Paratibe.—(Rio e pov. no Mun. de Olinda).—Corr. *pirá-ty-pe*, nos peixes brancos, ou nas tainhas.

Passassunga.—(Eng. no Mun. de Limoeiro).—«Parece corrupção de *mbeaçá-cynga*, que se traduz—porto resvaloso, ou escorregadio. O nome *mbeaçá* ou *peaçá*, que quer dizer—porto, ou o caminho sahe, isto é,—onde vem ter o caminho á beira d'agua, altera-se muitas vezes em *piaçá*, *paçá*, ao entrar em composição.» (Th. S., Ns. Ms.)

Passira.—(Serra no Mun. de Limoeiro).—Ant. *Bacira*, corr. *pab-cira*, extremidade polida, ponta reluzente.» (Th. S., Ns. Ms.)

Penanduba.—(Eng. no Mun. de Jaboatão).—«Corr. *panã-dyba*, abundância de borboletas.» (Th. S., Ns. Ms.)

Penderaca.—(Eng. no Mun. de Palmares).—«Parece corrupção de *pindó-r-ag*, que quer dizer—palmeira amarga, isto é, que dá palmito amargoso. Póde ser ainda corrupção de *pindá-r-ag*, que se traduz—veneno do anzol.» (Th. S., Ns. Ms.)

Penderama.—(Eng. no Mun. de Ipojuca).—«Parece corrupção de *pindó-rama* que se traduz—terra das palmeiras.» (Th. S., Ns. Ms.)

Perajuhy.—(Eng. no Mun. de Igua-rassú).—Corr. *pirá-yú-y*, rio do peixe amarello, ou do dourado.

Pernambuco.—(Nome do Estado).—Ant. *Paranambuca*, «corr. *paranã-buc*, ou *paranã-puca*, o mar quebra, ou o mar

arrebenta, isto é, o quebra mar, em allusão ao Recife.» (Th. S., 146)

Peroba.—(Pequena enseada junto á ponta de Persinunga).—C. *pé-rób*, casca amarga; é o nome de varias leguminosas.

Perory.—(Eng. no Mun. de Itambé).—Corr. *yperú-r-y*, rio dos tubarões.

Perpery.—(Riacho| affl. do Pirapama).—« C. *pepen-r-y*, rio das quebradas, ou das quinas, rio das pontas (Th. S., 145.)» Póde ser tambem alteração de *piri-piri*, o juncal.» (Th. S., Ns. Ms.)

Persinunga.—(Rio no limite de Pernambuco e Alagoas).—Alt. *Piraçununga*, c. *pirá-çunun*, onde o peixe rumoreja.

Petimbú.—(Ponta, porto e pov. no Mun. de Goyanna).—Ant. *Apitumbú*, «corr. *petyn-bú*, olho d'agua do fumo, ou do tabaco.» (Th. S., Ns. Ms.)

Petribu'.—(Riacho affl. do Capibaribe).—« Parece alteração de *botir-ybú*,

significando—olho d'agua das flôres; pôde ser ainda corrupção de *apiter-ybú*, que quer dizer—olho d'agua do meio.» (Th. S. Ns. Ms.)

Piátyba.—(Corôa junto á foz do rio Maria Farinha).—C. *piab-tyba*, abundancia de piabas.

Pindoba.—(Riacho affl. do Ipojuca).—«C. *pindob*, folha de palmeira, palma em geral; nome tambem da mesma palmeira.» (B. C., 377)

Pindobu'.—(Eng. no Mun. de Nazareth).—Alt. *pindob-ú*, corr. *pindob-y*, rio das palmas, ou das palmeiras.

Pirágibe.—(Eng. no Mun. de Agua Preta).—C. *pirá-g-y-pe*, no rio do peixe.

Pirangibe.—(Riacho no Mun. de Agua-Preta).—«Corr. *pirã-g-y-pe*, no rio das piranhas.» (Th. S., Ns. Ms.)

Pirangy.—(Riacho affl. do Una).—C. *piran-g-y*, rio vermelho.

Pirapama.—(Rio).—«C. *pirá-pama*, bate o peixe, onde o peixe salta na agua.» (Th. S., 147)

Pirapora.—(Eng. no Mun. de Nazareth).—«C. *pirá-pora*, o peixe salta, ou pula; lugar do rio encachoeirado onde o peixe pula.» (Th. S., 147)

Pirauá.—(Eng. no Mun. Nazareth).—Corr. *pirá-ú-á*.

Piráuhyra.—(Riacho afl. do Capibaribe).—«Corr. *pirá-ú-ya*, agua do peixe cortada, ou o mesmo que agua do peixe temporaria.» (Th. S., Ns. Ms.)

Piriguáy.—(Riacho no Mun. de Iguarassú).—C. *piriguá-y*, rio dos piriguás (o que é attinente a junco), nome dado a aves, entre outras ao anú.

Pitanga.—(Riacho afl. do Iguarassú).—Corr. *pitã*, vermelho.

Pipoca.—(Riacho no Mun. de Itambé).—«Corr. *pipoca*, a pelle estalando, ou arrebrandando; o milho torrado.» (Th. S., 146)

Pororoca.—(Riacho affl. do Ipojuca).—«Corr. *pororog*, rebentar, estrondar, desparar; *pororoca*, part. estrondante, o que arrebenta, ou faz rumôr; o macaréo.» (Th. S., 147)

Pituaçú.—(Eng. no Mun. de Goyana).—C. *pitú-açú*, *pitú* grande; *pitú*, grande camarão escuro (*pin-tun*, pelle escura, ou negra).

Pumaty.—(Eng. no Mun. de Palmares).—Corr. *ypú-mityn*, a fonte da sementeira, o olho d'água da plantação.

Q

Quati.—(Serra no Mun. de Bom Conselho).—«Corr. *quá-ti*, riscado punçado, ou lanhado, o que traz riscas, ou sulcos; o animal *Nasua*.» (Th. S., 148)

Queraiba.—(Riacho affl. do Araripe).—«Parece corrupção de *ker-ayba*, dormida ruim, ou pouso mau.» (Th. S., Ns. Ms.)

Quimangas.—(Barreta junto á ponta de Serinhaem).—Corr. *qui-mong*, espinho pegajoso, ou viscoso.

Quipapá.—(Mun., villa e riacho).—«Aug. *quipá*, que se póde decompôr em *qui-pã*, ponta, estylete, espinho cravado, atolado, introduzido; s., tenaz, torquez; é o nome do cardo rasteiro dos sertões do Norte do Brasil.» (Th. S., 146)

Quitembú.—(Riacho e pov. no Mun. de Ingazeira).—«Parece corrupção de *qui-ti-bú*, que quer dizer — olho d'agua do limpo.» (Th. S., Ns. Ms.)

S

Saguim.—(Eng. no Mun. de Nazareth).—«Corr. *çã-i*, olhos pequenos, o que é esperto, o vivo, agil; nome de um pequeno simio (Hapale).» (Th. S., 149)

Sambacuy.—(Log. no Mun. de Alagôa de Baixo).—Corr. *tambá-quib*, cisco de ostras ou conchas; os montes de cascas de mexilhões, ou de conchas, vulgo *sambaquis*.

Sanharó.—(Pov. no Mun. de Cimbres).—«Corr. *çob-haron*, que se traduz — bicho bravo. Nome applicado a uma qua-

lidade de abelhas silvestres e bravias.»
(Th. S., Ns. Ms.)

Sapé.—(Outeiro ao Norte da barra das Jangadas).—«C. *eçapé*, o que allumia; graminea (*Saccharum sapé*) que servia para cobrir casas e fazer fachos.» (B. C., 88)

Sapocaya.—(Log. no Mun. da Victoria).—«Corr. *çapucái*, s., o grito, o clamôr; vb., gritar, clamar; s., o gallo ou a gallinha; corr. *yaçapucái*, o fructo conhecido por sapucaia (*Lecythis*).» (Th. S., 149)

Sapocagy.—(Riacho affl. do Ipojuca).—C. *çapocai-g-y*, rio das sapocaias.

Sararái.—(Riacho no Mun. de Igua-rassú).—C. *çarará-y*, rio das mariposas.

Saué.—(Log. no Mun. de Amargy).—Corr. *içáú-é*, a formiga mestra diversa, a saúna de outra especie.

Saúna.—(Log. no Mun. do Brejo).—Corr. *içá-una*, formiga preta.

Serinhaem.—(Rio, mun. e cidade).
—«Corr. *ciri-nhaem*, bacia, vaso dos siris, viveiro dos siris; corr. *ciri-nheen*, o siri rumoreja, onde os siris fazem rumôr.»
(*Th. S.*, 150)

Sernamby.—(Ponta no Mun. de Serinhaem)—«Corr. *cerinambi*, o marisco, a amejóa.» (*Th. S.*, 150)

Sibauma.—(Log. no Mun. de Rio Formoso).—«É nome tupi corrupto e que toma diversas fórmãs, como *Sibaúma*, *Sabaúma*, *Subaúma*, *Sebaúna*, *Sabaúna*, todos corrupção de *Tambá-una*, que quer dizer—concha preta, especie de marisco d'agua doce.» (*Th. S.*, *Ns. Ms.*)

Sibiró.—(Rio que atravessa os Muns. da Escada, Ipojuca e Serinhaem).—Vide *Cibiró*.

Siri.—(Riacho affl. do Tejucopapo).
—«Corr. *ciri*, o que corre, o corredor, ou corredio.» (*Th. S.*, *Ns. Ms.*)

Sirigi.—(Riacho affl. do Tracunhaem).
—C. *ciri-g-y*, rio dos siris.

Sirijó.—(Riacho no Mun. de Goyana). — « Corr. *ciri-yó*, o que procede do siri, ou tirado do siri. » (Th. S., Ns. Ms.)

Suape.—(Rio e barra no Mun. do Cabo). — Corr. *çóó-apé*, o caminho, ou a vereda da caça.

Suassuna.—(Riacho affl. do Jaboa-tão; ilha no Mun. do Recife).—Corr. *çóó-assú-una*, veado preto.

Sueira.—(Riacho no Mun. de Ipojuca). — « Parece corrupção de *çóó-era*, animal extinto, carniça. » (Th. S., Ns. Ms.)

Supitanga.—(Riacho no Mun. de Itambé). — « Póde ser corrupção de *çóó-pitanga*, bicho vermelho; como póde ser abreviação de *çóó-açu-pitanga*, alterado para *Suassupitanga* e abreviado em *Supitanga*, que quer dizer —veado vermelho. » (Th. S., Ns. Ms.)

Suruajú.—(Eng. no Mun. de Nazareth). — Corr. *çur-uã-yú*, espinho de talo saliente.

T

Tabatinga.—(Riacho affl do Ipojuca).—«C. *taba-tinga*, aldêa branca; corr. *tauá-tinga*, barro branco.» (*Th. S.*, 151)

Tabayacús.—(Esparcellado no ancoradouro do Lamarão).—Corr. *itá-bayacú*, pedra dos baiacús.

Tabajára.—(Eng. no Mun. de Goyanna).—«Corr. *taba-yara*, os aldeões, os moradores das aldêas, os senhores dos povoados.» (*Th. S.*, 131). Nome de uma nação indigena.

Tabayré.—(Eng. no Mun. de Goyanna).—Corr. *tabai-rér*, pequena aldêa que foi, aldêasinha extincta.

Tabira.—(Eng. no Mun de Goyanna).—«Corr. *itábir*, penha empinada, ou erguida.» (*Th. S.*, 151)

Tabocas.—(Montes no Mun. da Victoria).—«C. *ta-boc*, ou *ta-bog*, haste furada, tronco ouco, haste fendida, graminea conhecida.» (*Th. S.*, 151)

Tacaratú.—(Mun. e villa).—C. *itá-quár-atú*, a furna curta, a lapa de pouca profundidade, a caverna superficial.

Tacaruna.—(Cambôa no Mun. do Recife).—Ant. *Itaquaruna*. «Parece corrupção de *tacá-r-una*, em que *tacá* é o nome *tacape* que perdeu a ultima syllaba, ao entrar em composição, e significa — *cacéte*, pau grosso de ponta romba como uma mão de pilão e que servia de arma do guerra. *Tacá-r-una*, neste caso, se traduz o—*tacápe* negro, ou feito de madeira escura.» (Th. S., Ns. Ms.)

Taceboca.—(Log. no Mun. de Goyana).—«Parece corrupção de *taçá-boca*, que se traduz—*travessa fendida*, ou *travessa ouca*.» (Th. S., Ns. Ms.)

Tacis.—(Recifes submersos ao sul da costa de Pernambuco).—Corr. *itá-acir*, pedra pontuda.

Taguary.—(Eng. no Mun. de Serinhaem).—C. *taguá-r-y*, rio do tauá, ou do barreiro.

Taiapú.—(Riacho afl. do Iguarassú). — « Corr. *tayá-ypu*, fonte dos tayás ou taiobas. » (Th. S., Ns. Ms.)

Taipé.—(Riacho afl. do Iguarassú). — « Póde ser corrupção de *itá-ipé*, em que *ipé* é uma contracção de *i-peba*, traduzindo, neste caso, *itá-i-pé*, por — pedra chata, recife. » (Th. S., Ns. Ms.)

Taipú.—(Riacho no Mun. de Bom-Conselho). — « Póde ser corrupção de *itá-ypú*, que quer dizer — fonte da pedra, ou fonte das pedras. » (Th. S., Ns. Ms.)

Tamandaré.—(Barra, ponta e pov. no Mun. de Rio Formoso). — « Corr. *tamanduar-é*, o que se assemelha ao tamanduá, o que sóbe ás arvores como o tamanduá, o que faz o papel do tamanduá; nome do Noé dos selvagens na sua lenda do dilúvio. » (Th. S., 151)

Tambataúpe.—(Eng. no Mun. de Nazareth). — « Parece corrupção de *tambatá-ú-pe*, em que *tambatá* é o plural de *tambá*, significando—conchas, mariscos; *ú*—comer; *pé* é a posposição equivalente á nossa preposição *em*. *Tamba-*

taúpe, quer pois dizer, neste caso, —no comer dos mariscos, isto é,—onde se comem mariscos.» (Th. S., Ns. Ms.)

Tambiá.—(Log. no Mun. do Recife).—Corr. *tambuá*, centopêa, «piolbo de cobra», aliás *tã-bi-á*, o que tem pellos hirtos.» (B. C., 478)

Tamuatá-mirim.—(Riacho affl. do Tapacurá).—C. *tamōatá-mirim*, o tamboatá pequeno, ou menor.

Tapacurá.—(Riacho no Mun. da Victoria).—«*Tapacurá*, ligas, jarreteiras (B. C., 480); ant. *Tapacurai*, c. *tapacurá-y*, rio das ligas, ou das jarreteiras.

Tapeporucú.—(Serra no Mun. de Cimbres).—«Parece corrupção de *itá-pí-pó-r-ucú*, que se traduz—pedras grossas separadas, ou distantes.» (Th. S., Ns. Ms.)

Tapéra.—(Eng. no Mun. da Victoria).—«Corr. *tab-era*, aldêa extincta, ruína, povoação de outr'ora.» (Th. S., 152)

Tapessirica.—(Riacho affl. do Ipojuca).—«É o mesmo que *itapecirica*, que

quer dizer—lage escorregadia.» (Th. S., Ns. Ms.)

Tapessoroca.—(Riacho no Mun. de Iguarassú).—«Corr. *itapé-çoroca*, que quer dizer—pedra rasgada, ou fendida.» (Th. S., Ns. Ms.)

Tapinassú.—(Riacho afl. do Tra-cunhaem).—«Corr. *tapii-n-açú*, choça grande, rancho grande.» (Th. S., Ns. Ms.)

Tapirema.—(Pov. no Mun. de Goyanna).—«C. *tapir-eii*, a manada de antas; corr. *tapir-êma*, a anta fetida, ou eatinguenta; corr. *tapir-eima*, falto de antas, logar onde não ha desses animaes.» (Th. S., 152)

Tapirussú.—(Riacho afl. do Serinhaem).—«C. *tapir-uçú*, anta grande, vacca, boi, gado bovino.» (B. C., 482)

Tapopirussú.—(Riacho afl. do Araripe).—C. *itá-popir-uçú*, grande pedra lascada, ou fendida.

Tapugi.—(Riacho afl. do Pirapama).—Corr. *tapó-g-y*, rio da raiz; corr. *itá-pu-g-y*, rio do toque de sino. (?)

Tapuya.—(Log. no Mun. de Amargy).—Corr. *tapuy*, o barbaro, o gentio.

Taquára.—(Riachos affls. do Ipojuca e do Una).—«C. *tã-quara*, haste furada, ou cheia de buracos.» (Th. S., 152)

Taquaretinga.—(Mun. e villa).—C. *itá-quar-tinga*, buraco de pedra branca, furna ou lapa branca.

Tará.—(Pov. no Mun. de Buique).—C. *tab-paráb*, pello vario; o que varia de pello, furta-côr; o camaleão.» (B. C., 486)

Tatintiba.—(Riacho affl. do Capi-baribe).—Corr. *itatin-tyba*, o pedregal branco, o montão de pedras brancas.

Tatiuba.—«Parece corrupção de *tati-yba*, alterado em *tati-úba*, significando—arvore de espigas, ou planta de espigas.» (Th. S., Ns. Ms.)

Tatuoca.—(Rio que despeja na barra de Suape).—C. *tatú-oca*, a casa, ou o refugio dos tatús.

Tauá.—(Log. no Mun. de Buique). — « Alt. *taquá*, contr. *itá-guaba*, pedra, ou argilla de comer; corr. *itá-guá*, pedra, ou argilla variegada, de côres diversas.» (Th. S., 151)

Teitanduba.—(Eng. no Mun. de Nazareth). — « Parece corrupção de *itã-tã-dyba*, em que *itã-tã* quer dizer—pedra dura; *itatã-dyba* quer dizer—abundância de pedras duras, pedregal rijo.» (Th. S., Ns. Ms.)

Tegipió.—(Riacho no Mun. do Recife). — « Parece alteração de *tejúpió*, corrupção de *teyú-pióg*, raiz de *tejú*.» (Th. S., Ns. Ms.)

Tejucopapo.—(Riacho affl. do Itapessoca). — « Corr. *tuyuc-paba*, lama espraçada, lamaçal, lameiro.» (Th. S., 153)

Tejucussú.—(Barreta formada pelo pontal ao sul do Rio Formoso). — Corr. *tuyuc-uçu*, lameiro grande, brejão.

Temby.—(Riacho affl. do Capibari-be). — C. *tembê-y*, borda ou margem do rio.

Tibyri.—(Eng. no Mun. de Barreiros).—C. *tyby-r-y*, rio das covas, ou das sepulturas.

Timbaúba.—(Mun. e cidade).—Corr. *timbá-yba*, arvore muito branca, alvissima; arvore da familia das leguminosas.

Timbó.—(Riacho afl. do Una).—«S., a planta cujo succo mata o peixe; vara, vergontea, cipó (*Paulinia Pinna-ta*, L.)» (*Th. S.*, 153)

Timbóassú.—(Pov. no Mun. de Ipojuca).—C. *timbó-açú*, timbó grande.

Timbú.—(Log. no Mun. de Panelas).—«S., o furado do nariz» (*B. C.*, 518); nome de um marsupio.

Tiriri.—(Eng. no Mun. do Cabo).—C. *tiriri-y*, agua escassa, rio pequeno.

Tiuma.—(Pov. no Mun. de Itambé).—Corr. «*tiuun*, liquido turvo; enxurro, enxurrada; rio sujo.» (*B. C.*, 350)

Tobitinga.—(Riacho no Mun. de Goyanna).—C. *tobi-tinga*, tobi branco; *tobi* é o nome de um peixe.

Tracunhaem.—(Rio e pov. no Mun. de Nazareth).—« Corr. *taracu-nhaem*, pannela de formigas, formigueiro.» (*Th. S.*, 154)

Traicépe.—(Riacho afl. do Capibaribe).—C. *ityra-éb*, monte ouco, vazio.

Traipú.—(Riacho que nasce em Pernambuco e termina em Alagôas).—Corr. *ityra-ypú*, olho d'agua do monte, a fonte do morro.» (*Th. S.*, 154)

Trapiá.—(Riacho afl. do Capibari-be).—Corr. *ityra-apiá*, monte manchado, pintado, ou mareado.

Tucurubá.—(Pov. no fóz do rio Pajehú).—Corr. *tucur-ybá*, fructa do gafanhoto, ou da formiga.

Turyassú.—(Eng. no Mun. de Nazareth).—« C. *tur-y-açú*, rio grande das fogueiras.» (*Th. S.*, 155)

U

Ubá.—(Eng. no Mun. de Goyanna).—« Corr. *ybá*, s., o fructo; corr. *uybá*, a cana de flecha, ou caniço; a canôa de casca. » (*Th. S.*, 156)

Ubáca.—(Eng. no Mun. de Serinhaem).—« Parece corrupção de *y-bag*, que significa — a agua que muda, que volta. » (*Th. S.*, *Ns. Ms.*)

Ubatuba.—(Eng. no Mun. de Agua Preta).—« Corr. *ybá-tyba*, canaveal bravo, flechal, fructal. » (*Th. S.*, 156)

Ubú.—(Riachõ que despeja na barra de Catuama).—« Corr. *yby*, a terra, o sólo. » (*Th. S.*, 156)

Umary.—(Eng. no Mun. de Gamelleira).—Corr. *cumbary*, que vide.

Umbú.—(Eng. no Mun. de Nazareth).—« O fructo tambem conhecido por *imbú* (*Spondias tuberosa*, Arruda). » (*Th. S.*, 156)

Una.—(Rio).—Ant. *Inna*, c. *y-una*, rio preto.

Uruahé.—(Eng. no Mun. de Goyanna).—C. *uru-ué*, 3 cesto diferente, de outra fôrma.

Urubá.—(Serra no Mun. de Cimbres).—Corr. *uru-ybá*, fructa dos urús, nome onomatopaico de varias perdizes pequenas.

Urubú.—(Riachos affls. do Capibaribe e do Tabocas).—«Corr. *uru-bú*, a gallinha preta, a ave negra (Cathartes).» (*Th. S.*, 156)

Uruçú.—(Serra no Mun. de Gravatá).—«Corr. *eir-uçú*, abelha grande de côr avermelhada e que não morde.» (*Th. S.*, 157)

Utinga.—(Riacho afl. do Iguarasú).—«Corr. *y-linga*, agua branca.» (*Th. S.*, 157)

Z

Zabelê.—(Eng. no Mun. de Timbaúba).—«Corr. *çaberê*, ou *eçaperê*, c. *eça-perê*, olhos encascados, ou cheios de caspas; nome de uma ave gallinacea, especie de perdiz de pernas amarellas (Crypturus noctivagus).» (*Th. S.*, 161)